

OS IRMÃOS MELLOS DE ITU

Marcelo Meira Amaral Bogaciovas

Pouco se tem falado da importância dos Açores na colonização de São Paulo. Este arquipélago do Oceano Atlântico foi descoberto (ou redescoberto) por Frei Gonçalo Velho, e por séculos grande parte de sua população passou para o nosso país, povoando-o de norte a sul. Muitos partiram em busca de maior espaço no novo continente, outros assustados e temerosos de continuarem em uma região que, de quando em quando sofria as ações dos terremotos e maremotos, outros ainda pelos constantes ataques de piratas muçulmanos e ingleses.

Há quase trezentos anos, três irmãos Mellos, João de Mello do Rego, Matias de Mello do Rego e Pedro de Mello e Souza, das melhores famílias da Ilha de São Miguel, principal ilha dos Açores, partem provavelmente da cidade de Ponta Delgada com destino à então vila de Itu, que se igualava a São Paulo em termos de importância. Lá chegando, se uniram com gente da mesma qualidade, pois os dois mais velhos se casaram com duas irmãs, filhas do também açoriano Sebastião de Arruda Botelho, e o mais novo dos três casou-se com uma neta do mesmo Sebastião. É certo que o velho açoriano, um dos troncos da família Arruda Botelho no Brasil, conhecesse, e bem, a nobreza dos Mellos, já que eram oriundos do mesmo distrito de Ponta Delgada, muito embora de concelhos diferentes.

A ascendência deles consta de instrumentos passados (1) no ano de 1704, um em Lagoa, e outro na cidade de Ponta Delgada, ambos na Ilha de São Miguel, a favor do tio deles, o Capitão Manoel do Rego de Souza, que "em 1704 justificou judicialmente a sua ascendência paterna para mostrar que era nobre e de sangue limpo, porque um João do Amaral, dos Fenaes da Luz, que fora preso no Castelo de Ponta Delgada, por ordem deste Manoel do Rego de Souza, que era capitão de ordenanças, quando foi solto lhe chamou mulato; a justificação foi sentenciada a 22 de outubro de 1704, em Ponta Delgada, sendo o réu João de Amaral condenado a pena pecuniária." Os irmãos Mellos arquivaram um traslado destes instrumentos na Câmara de Itu, conforme nos ensina Silva Leme (2), informação esta talvez passada por Pedro de Mello e Souza, bisneto de um dos troncos, colaborador de Silva Leme para a sua "Genealogia Paulistana".

O amigo, primo e genealogista Celso Maria de Mello Pupo, bisneto deste Pedro de Mello e Souza, nos diz que quando seu bisavô era consultado por noivos para saberem se haveria ou não um parentesco dentro de grau proibido, deixava vazar grandes conhecimentos das famílias antigas de Itu, e, elogiado, dizia que ele pouco sabia, e o pouco que sabia houvera aprendido de seu pai Balduino de Mello Castanho e Sampaio, e este sim é que era profundo conhecedor do assunto. Aliás, esses Mellos foram formadores de

genealogistas ao longo do tempo. Quem sabe, uma herança deixada pelo nosso tio, o Dr. Gaspar Fructuoso, que por 1584, pouco antes e pouco depois, produziu a monumental obra "Saudades da Terra" descrevendo a história, genealogia, geografia e tudo o mais que viu e entendeu por interessante nos Açores. Além do Celso, quem discutiu bastante comigo a origem dos Mellos, foi o igualmente primo e amigo Luiz Carlos Sampaio de Mendonça, grande estudioso da genealogia açoriana, a quem aqui também registro meus agradecimentos.

Duas cartas, escritas pelo historiador campineiro Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, em julho de 1856, e publicadas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, volume 43, em 1945 (p. 207 e 211), bem mostram o perfil da família Mello, sendo nos dizeres dele:

espirituosa e cheia de uma coragem cavalheiresca e de um denodo no perigo em um grau que a adquiriu uma tradicional e proverbial reputação pela posse dessas qualidades. Mais adiante completa: A família Mello é notória por um engenho atilado e vivaz. Desde longo tempo os Regos e Mellos sendo afeitos a cargos elevados e a uma posição social proeminente, a família não se amoldou facilmente à necessidade de rude trabalho a que todos aqui se sujeitavam e pois não se tornou notável por riqueza; a mesma causa imprimiu em quase todos os rumos da família maneiras cavalheirescas e sentimentos nobres em um grau excepcional.

Em 20 e 21 de novembro de 1987 estive pesquisando nos Açores, mais precisamente no Arquivo Distrital de Ponta Delgada, onde fui amavelmente recebido pelo seu diretor, o Dr. Hugo Moreira. Embora muito me tenha auxiliado naquela ocasião, não me foi possível em tão pouco tempo fazer notáveis descobertas da família Mello. Naquele mesmo arquivo tive a oportunidade de conhecer um parente distante, descendente de uma meio-irmã dos três troncos de Itu, curiosamente vivendo na mesma freguesia de Fenaes da Luz: José Carlos Frazão de Frias Afonso.

Para facilitar o entendimento dos leitores, este trabalho será dividido em sub-títulos, a saber:

Capítulo 1	Mello / Cabral de Mello
Capítulo 2	Souza
Capítulo 3	Jorge
Capítulo 4	Rego
Capítulo 5	Soares de Souza / Almada

Capítulo 1 - Mello / Cabral de Mello

Ainda não se conseguiu entroncar os Mellos antigos da Ilha de São Miguel nos senhores de Mello, que são normalmente considerados pelos genealogistas como sendo o

tronco desta nobre família. Porém, vários foram os brasões concedidos aos Mellos de São Miguel, o que demonstra que estes Mellos eram tidos por legítimos. Assim sendo, foram passados brasões de armas da família Mello para Belchior de Resende Moura (3), Fernando de Loura Bittencourt (4), Francisco Machado de Faria e Maia (5) e para Gaspar de Andrade Columbreiro (6).

Foi primeiro senhor de Mello e o primeiro a assim se chamar em Portugal, D. Mem Soares de Mello, que segundo Felgueiras Gayo (7) era descendente por varonia dos reis godos da Espanha. Dos "Brasões da Sala de Cintra" (8) vê-se que foi um dos cavaleiros que acompanharam o Rei D. Afonso III de Portugal na conquista de Algarve, segundo carta dada em Faro no mês de março de 1249, logo após a redução da vila; D. Mem faleceu entre 1262 e 1288, quando sua mulher D. Teresa Afonso Gatto possuía a vila de Mello. Vamos principiar o capítulo no mais antigo membro, que se conhece, deste ramo da família dos Mellos, a saber:

I- DIOGO DOMINGUES, senhor da quinta da granja d'Alperiate, a quem foi tirada por El-Rei D. Fernando de Portugal "por dívida que lhe devia o dito Diogo Domingues do tempo que foi seu almoxarife" (9). Dele ou de sua mulher, cujo nome não se conhece, é que vem o apelido Mello de seus descendentes. Foi pai de:

II- D. CATARINA DIAS DE MELLO, mulher de MARTIM GONÇALVES DE TRAVASSOS, escudeiro do Rei D. João I de Portugal, que a 21-MAR-1386 lhe concede uma quinta na granja d'Alpariate, a mesma que havia sido de seu sogro Diogo Domingues (Chancelaria de D. João I, livro 1º, fls. 174-v). Foram pais de:

III- DIOGO GONÇALVES DE TRAVASSOS (9), a quem El-Rei D. Duarte concedeu a 15-JUN-1425, sendo ainda infante, a provedoria e a administração do morgado e hospital de D. Mor Dias, de Ponte de Leira, mercê que lhe confirmou (10) "visto seu requerimento e as muito grandes razões que temos para lho outorgar", a 22-DEZ-1433, chamando-o na carta de confirmação (10) "veador das terras do Infante D. Pedro meu irmão". Sabe-se, pelo seu epitáfio, que era Cavaleiro, criado do Rei D. João I, dos Conselhos de El-Rei D. Afonso V e do Infante D. Pedro, regedor das terras do mesmo senhor e aio de D. Pedro, Condestável de Portugal e Rei de Aragão. Segundo o Dr. Gaspar Fructuoso, foi ainda Diogo Gonçalves escrivão da puridade do Regente D. Pedro e padrinho de seus filhos; conta o mesmo Fructuoso que, estando a morrer Diogo Gonçalves, o foi visitar o Rei e que depois lhe mandou gravar sobre a sepultura os **DD** que lá se vêem. Diz mais que Diogo Gonçalves de Travassos "era um homem grande de corpo, bem disposto, gentil-homem, valente e forçoso" e que militara nas guerras de Castela, sendo armado cavaleiro na tomada de Ceuta pelo Infante D. Pedro, de quem foi tão amigo

na vida como foi companheiro na morte, merecendo a notável honra de ser sepultado junto do glorioso infante no Mosteiro da Batalha. Foi ainda alcaide do Castelo de Outeiro de Miranda, que teve ordem para entregar ao duque de Bragança em 27-FEV-1443 (11).

Diogo Gonçalves de Travassos casou-se com D. VIOLANTE VELHO, irmã do famoso frei Gonçalo Velho, o redescobridor dos Açores e seu primeiro capitão, navegador desde 1416, e povoador dos Açores dentre 1431 e 1432 por ordem do Infante D. Henrique, o "Navegador". Frei Gonçalo Velho foi ainda Comendador do Castelo do Amourol na Ordem de Cristo, e senhoria das Pias, da Beselga e da Cardiga, sendo já falecido em 1467. Filhos de Fernão Velho, Cavaleiro da Ordem de Santiago, alcaide-mor e senhor, de juro e herdade, do castelo e terra Veleda, senhor do souto da Mercê, etc., e de sua mulher D. Maria Álvares Cabral; netos paternos de Gonçalo Velho, o contador (vide Nobiliário de Famílias de Portugal, de Felgueiras Gayo, título Velho, § 6 N8) e de sua mulher D. Margarida Anes de Durró, netos maternos de Álvaro Gil Cabral (12), alcaide-mor e senhor da cidade da Guarda, 1º senhor de Azurara, etc.. (vide Felgueiras Gayo, título Cabral, § 1 N3), este trisavô do descobridor do Brasil.

Sobre Frei Gonçalo Velho vide "Saudades da Terra" (do Dr. Gaspar Fructuoso) e "Frei Gonçalo Velho" (dois volumes, de Ayres de Sá). Resumidamente dele disse o Dr. Gaspar Fructuoso: "Era Gonçalo Velho de tantas forças que podia espremer um homem e esmiuçá-lo entre as mãos". "Era muito privado do Infante D. Henrique e foi enviado por ele a descobrir estas Ilhas de Santa Maria e de São Miguel". Irmã inteira também de frei Gonçalo Velho foi D. Tareja Velho Cabral, que se casou com João Soares de Albergaria (vide Nobiliário de Famílias de Portugal, de Felgueiras Gayo, título Soares de Albergaria § 3 N8), pais de outro João Soares de Albergaria, 2º capitão donatário das Ilhas de São Miguel (que depois vendeu para Rui Gonçalves de Câmara) e de Santa Maria, o qual João casou-se a 20-JUN-1492 em Lisboa com D. Branca de Souza, filha dos fidalgos João de Souza Falcão e D. Mecia de Almada (prima-irmã do conde de Abranches). De João Soares com D. Branca de Souza é muito possivelmente seu descendente (talvez trineto, pelo tempo) JOÃO SOARES DE SOUZA, adiante no capítulo 5: Soares de Souza/ Almada.

De Diogo Gonçalves de Travassos com D. Violante Velho nasceram:

F1) Frei RUI VELHO DE MELLO, estribeiro-mor do Rei D. João II de Portugal. Recebeu de seu tio, Frei Gonçalo Velho a comenda do Castelo de Amourol e senhoria de Pias, da Beselga e da Cardiga. Teve filhos naturais. Essas comendas passaram para D. Nuno Manoel, conde de Redondo (13).

F2) PERO VELHO DE TRAVASSOS, que segue no IV.

F3) NUNO VELHO DE TRAVASSOS, que passou para a Ilha de São Miguel acompanhando o tio Frei Gonçalo Velho. Ali casou-se primeira vez com ISABEL AFONSO e segunda com ÁFRICA ANES

(viúva de JORGE VELHO - vide capítulo 3 - Jorge). Com geração das duas mulheres.

F4) D. CATARINA VELHO CABRAL, amiga (ao tempo ainda em que os comendadores não se casavam) de DIOGO DE AZAMBUJA, comendador da Ordem de Aviz, de quem nasceu D. CATARINA DE AZAMBUJA, que se casou com MARTIM DA SILVEIRA (vide Felgueiras Gayo, título Silveira, § 5 N5), estes pais de DIOGO DA SILVEIRA, capitão-mor que foi do Mar da Índia, e da mulher de NUNO DA CUNHA, Vice-Rei da Índia.

F5) D. LEONOR CABRAL, que se casou com um fidalgo, cujo nome se ignora, com geração.

IV- PERO VELHO DE TRAVASSOS foi escudeiro fidalgo (13 e 14). Passou com seu tio frei Gonçalo Velho para a Ilha de São Miguel, e ali fez a ermida de N.S^a dos Remédios da Lagoa, onde jaz sepultado. Fez testamento de mão comum com sua mulher a 19-NOV-1511, junto da Lagoa, termo de Vila Franca, Ilha de São Miguel, em qual instrumento ele e sua mulher CATARINA AFONSO disseram que "ambos fizeram e ordenaram uma ermida da invocação de Nossa Senhora dos Remédios para se nelas haverem de deitar quando falecerem da vida deste mundo". Deixou vinculada a administração da capela para seu filho Estevão de Travassos. De um de seus filhos adiante nomeado é certamente neto ou bisneto o n^o **VI** - Adão Cabral Travassos.

De Pero Velho de Travassos e de sua mulher Catarina Afonso nasceram:

F1) GONÇALO VELHO, que se casou com CATARINA ÁLVARES DE BENEVIDES, com grande geração. Antepassados dos Arrudas Botelhos de São Paulo.

F2) ESTEVÃO TRAVASSOS, que foi o segundo morgado de NS. dos Remédios, no concelho da Vila da Lagoa. Casou-se com CATARINA GONÇALVES, com geração.

F3) VIOLANTE VELHO, que se casou com JOÃO ÁLVARES DO OLHO, com geração.

F4) LEONOR VELHO, que se casou com JOÃO AFONSO CORCOS, com geração.

F5) BRANCA VELHO, que se casou com, com geração.

VII- ADÃO CABRAL TRAVASSOS. Certamente neto ou bisneto do n^o **IV** acima. Foi pai de:

VIII- Capitão ADÃO CABRAL DE MELLO (1, 2, 15), que se casou a 07-OUT-1600 em Santa Cruz, matriz do concelho de Lagoa com CATARINA FRAGOSO. Adão faleceu a 19-JUN-1629 na Lagoa. Foram pais, dentre outros, de:

F1) JOÃO CABRAL DE MELLO, que se casou a 25-ABR-1679 na freguesia de Rosário, concelho de Lagoa, com APOLÂNIA DE FREITAS, filha de Pedro Castanho e de Isabel de Frias.

F2) BARTOLOMEU CABRAL, que se casou a 07-NOV-1639 em São Pedro de Ponta Delgada com MARQUEZA DE SOUZA, filha de Manoel de Pinho e de Leonor Dias.

F3) ADÃO CABRAL, que se casou a 19-MAI-1627 na matriz da Ribeira Grande com CATARINA DE MENDONÇA, com geração, filha de Marcos Pereira de Mendonça e de D. Maria de Faria.

F4) MANOEL, batizado a 20-FEV-1623.

F5) MARIA CABRAL, batizada a 14-SET-1626 na matriz de Santa Cruz.

F6) APOLÔNIA DE MELLO, a qual fez testamento a 10-MAR-1681.

F7) CATARINA CABRAL DE MELLO, que segue no **IX**.

IX- CATARINA CABRAL DE MELLO (1, 2, 15). Casou-se com ANDRÉ ALVES DE SIQUEIRA, filho de Gervásio Álvares de Siqueira. Foram pais de:

X- MARIA CABRAL DE MELLO, que se casou com CALIXTO DO REGO DE SOUZA - que vai no Capítulo 4 - Rego, onde segue sua descendência.

Capítulo 2 - Souza

I- FULANO DE SOUZA, cujo nome não se guardou. Gaspar Fructuoso escreveu que "diziam" que era aparentado de Martim Afonso de Souza e de Diogo Lopes de Souza, abalizados cavaleiros e fidalgos, e sucedendo àquele matar um corregedor em audiência, se desterrou do Reino, de Souzel onde morava, para a Ilha de São Miguel, vivendo inicialmente em Vila Franca e depois no Telhal da Lomba da Ribeira Grande, muito rico e abastado. Casou-se no Paço com IREZA DE SOUZA (vide Saudades da Terra, livro 4º, volume I, pág. 271 e seguintes, título Souza), natural da Irlanda e dama da Rainha D. Leonor de Portugal. Tiveram dois filhos (que seguem), "João de Souza e Gaspar Vaz de Souza, os quais mandou seu pai às partes de além, sustentando-os lá muito tempo à sua custa, em serviço de El-Rei; e lá foram armados cavaleiros em uma entrada que fizeram em um lugar chamado Benahame, onde mataram e cativaram muitos mouros, reinando em Portugal El-Rei D. Manoel." De Ireza de Souza e de seu marido nasceram:

F1) GASPAS VAZ DE SOUZA, o qual foi mandado da Ilha de São Miguel, sendo ainda menino de sete ou oito anos, para o paço, onde se criou até a "idade de dezoito, e daí foi para a Itália, onde andou catorze anos no exército do Imperador D. Carlos V, por seu mestre de campo, ajudando-lhe a haver muitas vitórias de inimigos cristãos e mouros, de que mandou a esta ilha três bandeiras para honra de seus parentes, as quais foram entregues a Gaspar de Viveyros (no capítulo 3 - Jorge), sogro que foi de Francisco de Arruda da Costa (ascendentes dos Arrudas Botelhos de São Paulo), como sabem muitos antigos da cidade da Ponta Delgada."

F2) JOÃO DE SOUZA, que segue no **II**.

II- JOÃO DE SOUZA (Saudades da Terra, livro 4º, volume I, página 272) casou-se com ISABEL ÁLVARES, mulher nobre. Foram pais de:

F1) BALTAZAR VAZ DE SOUZA, que segue no **III**.

F2) DIOGO DE SOUZA, gêmeo do anterior, que se casou na vila da Ribeira Grande com MARIA AFONSO, com geração.

F3) PERO DE SOUZA, que se casou na Maia com VIOLANTE LOPES, com geração.

F4) ISABEL DE SOUZA, que se casou com PEDRO ANES, cavaleiro.

F5) DE SOUZA, que se casou com SIMÃO DE SANTARÉM, escrivão de Vila Franca - faleceu em um dilúvio em Vila Franca com os filhos que tinha.

F6) CATARINA DE SOUZA, que se casou com PERO LOURENÇO, o velho, que viveu na Ribeira Grande, com geração.

F7) VIOLANTE DE SOUZA, que se casou com GONÇALO ANES, que foi alcaide em Vila Franca e faleceu no dilúvio dela.

F8) GUIOMAR DE SOUZA, faleceu solteira no mesmo dilúvio.

III- BALTAZAR VAZ DE SOUZA, natural e morador da vila da Ribeira Grande. Foi homem de grande força e muito valente. Dele escreveu o Dr. Gaspar Fructuoso que enfrentara de frente touros valentes, com o risco de sua própria vida (Saudades da Terra, 4º, II, págs. 224 a 226), da forma seguinte: Andando com um grupo de amigos nas Sete Cidades, "onde havia muito gado bravo e sem ferro, nem sinal, acharam um bravo touro e foram para o matar, o qual tomou a Baltazar Vaz no cornos e entre eles o trouxe um grande espaço, abarcando-se ele tão fortemente com ele, pelo pescoço, que nunca o touro o pode matar, nem ferir, somente o pisou e tratou muito mal em uma barreira, onde deu com ele. E Francisco Anes, de riba da rocha, quisera tirar ao touro com uma meia lança que levava, mas Baltazar Vaz de Souza lhe disse que não atirasse, que erraria e mataria a ele, e que o encomendasse a Deus e o deixasse, que não houvesse medo que o touro o matasse. Indo assim por uma grotta abaixo o touro com ele nos cornos, lançou mão de um louro, que estava atravessado na grotta, e ficou ali dependurado nele, e o touro passou adiante seu caminho. E ele ficou tão pisado e mal aviado que o tomaram os companheiros e o levaram à vila da Ribeira Grande onde morava, e o sangraram duas ou três vezes e o envolveram em um lençol molhado em vinho".

Em outra parte (Saudades da Terra, 4º, II, 238) segue o Dr. Gaspar Fructuoso: "Mandando El-Rei D. Manoel três sinos grandes a esta ilha (referia-se a São Miguel), um para Vila Franca, outro para a Ponta Delgada e outro para a Ribeira Grande, e sabendo os oficiais da Câmara da dita vila da Ribeira Grande que eram chegados a Vila Franca, receosos que lá escolhessem o melhor, ordenaram de ir buscar o seu e na escolha serem melhorados; para o que escolheram certos homens honrados, forçosos e valentes de suas pessoas, para qualquer sucesso, entre os quais foi um Pero Teixeira e Baltazar Vaz de Souza e o dito Simão Lopes de Almeida, que levavam seus homens estribeiros, e carro posto no porto da

vila da Alagoa, e batel no mar com um deles, e os de cavalo por terra. Foram todos a Vila Franca. Chegados lá, tiveram muitas dúvidas com os da Vila, que tinham escolhido o melhor sino, já apartado dos outros, em cima do qual se assentou Simão Lopes de Almeida, com a capa e espada feita, dizendo em alta voz que quem o tirasse em cima dele, ali havia de acabar seus dias. Apelidando os da Vila gente, ergueu-se Simão Lopes e com os mais companheiros levaram o sino ao porto e, metendo-o no batel, remaram para a Alagoa, e os mais, à espora fita, para lá direitos por terra, onde chegando, puseram o sino no carro, e no mesmo dia, o levaram à sua vila da Ribeira Grande, onde ficou para sempre, sendo o melhor sino das ilhas; ainda que já é o pior, por haver poucos anos que quebrou e não serve."

E prossegue Fructuoso (Saudades da Terra, 4º, I, 275 e 276): "El-Rei D. João, de Boa Memória, terceiro do nome, depois de dar na costa do Brasil a Jorge de Figueiredo uma capitania de cinqüenta léguas de terra, fez mercê de juro de outras tantas léguas a Pero do Campo Tourinho. E mandando El-Rei a Baltazar Vaz de Souza, desta ilha de São Miguel, que o fosse servir na terra do Brasil, se foi ter à capitania deste capitão Pero do Campo, com outras pessoas desta terra. E um dia, estando ele e um João Fernandes Lordelo, também daqui natural, e outras cinco ou seis pessoas, em Porto Seguro, que é da dita capitania de Pero do Campo, e vendo o Lordelo que estavam ao longo da praia quinze ou dezesseis brasis, quietos, sem fazerem mal a ninguém, disse a Baltazar Vaz: - estes perros me têm mexericado com o capitão, que eu ando dizendo que lhe hei de por fogo à casa: agora mo hão de pagar. Respondeu-lhe Baltazar Vaz, como era valente homem: - tendes razão de o sentir muito: enxotê-mo-los daqui. E logo o Lordelo lhe fez um tiro com uma besta, que passou um brasil de banda a banda. Vendo eles isto, deram um grande grito em sua língua, a que acudiram trezentos brasis e fizeram tiro, e como eram muitos e os portugueses sete ou oito, fugiram todos; e Baltazar Vaz, com uma adarga e uma lança na mão, fez o campo a alguns; porém era tudo nada para com eles, porque ali foram tantas as flechas sobre ele, passando-o de parte a parte, que caiu morto, encostado a elas; e um seu parente, que era muito valente homem, vendo-o morto, lhe resistiu tanto com tiros de besta e lança, que feriu dois ou três, e matando um, morreu também ele, todo flechado; e o Lordelo foi ferido em uma perna. E como ele não estava benquisto na terra e tinha dito que havia de por o fogo à casa do capitão, sucedeu assim, que se acendeu em a casa do dito capitão, onde se perdeu muita fazenda, sem se saber donde se causara. Entenderam que porque o tinha dito o Lordelo, ele o pusera; o qual, sabendo que punham boca nele, se acolheu para a Bahia de Todos os Santos e lá foi preso e esquartejado por mandado do capitão, por se provar mandar por o fogo a sua casa. E desta maneira acabaram estes dois naturais desta terra, na do Brasil e tão longe da sua."

Baltazar Vaz de Souza foi casado com LEONOR MANOEL, filha de Manoel Domingues. Silva Leme, em Genealogia Paulistana,

volume VIII, p. 151, diz que foram pais de Manoel Álvares de Souza, casado em 1632 em São Paulo com Maria Carneiro, afirmação essa totalmente equivocada pela disparidade do tempo, já que poderia ser trisavô do dito Manoel Álvares de Souza. Foram pais de:

F1) JOÃO DE SOUZA, que se casou com INOS ANTUNES, com geração.

F2) GASPAR VAZ DE SOUZA, homem de grande ânimo e força. Casou-se com MARGARIDA PAES, sem geração.

F3) NUNO DE SOUZA, segue no **IV**.

F4) ISABEL VAZ DE SOUZA, que se casou com JORDÃO DA PONTE, homem fidalgo, da Ilha da Madeira.

F5) BEATRIZ DE SOUZA, que se casou com AIRES PIRES DO REGO, com geração.

F6) D. SIMOA VAZ DE SOUZA, que se casou com o fidalgo HENRIQUE DE BITTENCOURT DA CÂMARA, com geração.

F7/F8/F9)- as três freiras professoras.

IV- NUNO DE SOUZA (Saudades da Terra, 4º, I, 273) foi discreto e esforçado cavaleiro. Casou-se primeira vez com CATARINA DE MOURA, irmã do padre Antônio de Moura, de Ponta Delgada, e segunda vez com FRANCISCA DE PAIVA, de cujo segundo casamento teve alguns filhos e filhas. Do primeiro casamento de Nuno de Souza nasceram:

F1) JERÔNIMA DE SOUZA, que se casou com BRÁS DO REGO RODOVALHO, adiante no capítulo 4 - Rego, onde se vê sua descendência.

F2) BEATRIZ DE SOUZA, que se casou com BALTAZAR DO MONTE, filho de João do Monte.

Capítulo 3 - Jorge

I- JORGE VELHO. Segundo o Dr. Gaspar Fructuoso (livro 4º, vol. I, 93) Jorge Velho era sobrinho do Rei de Fez e bem acompanhado foi recebido com honra pelo infante Dom Henrique, o "Navegador", que o persuadiu a tornar-se cristão, e batizando-se foi seu padrinho o frei Gonçalo Velho, comendador de Amourol (capítulo 1- Mello / Cabral de Mello N2), do qual tomou-lhe o apelido Velho: ficando Jorge Velho (16). Casou-se com ÁFRICA ANES, que dizem ter nascido na África, e daí o seu nome, a qual depois se casou com Nuno Velho de Travassos (no capítulo 1 - Mello, III, F1). Foram pais de:

F1) JOÃO JORGE, morador na Água do Pau, onde se casou pela primeira vez com CATARINA MARTINS, natural de Beja, com geração, e segunda vez com BEATRIZ VICENTE, natural do Algarve, também com geração.

F2) PERO JORGE, que segue no **II**.

F3) FERNÃO JORGE, "mui esforçado cavaleiro". Foi para Portugal continental, com um navio carregado de cevada para seus gastos, e trouxe de Lisboa o alvará de vila ao lugar de Ponta Delgada. Faleceu solteiro. Era homem muito rico, tendo

sua principal morada na Ilha da Madeira, na cidade de Funchal.

II- PERO JORGE ("Saudades da Terra", 4º, volume I, 99 e 100), casou-se na cidade de Ponta Delgada com uma filha de Gonçalo Anes e de Catarina Afonso, naturais da cidade do Porto. Pero Jorge fez testamento a 04-JUN-1525, fora da vila da Ponta Delgada por causa da peste. Fez segundo testamento a 03-MAR-1528 e codicilo em 1530 (15). Foram pais de:

F1) GASPAS JORGE, faleceu solteiro em Portugal.

F2) JERÔNIMO JORGE, que segue no **III**.

F3) CATARINA JORGE, casada com PERO GONÇALVES CARREIRO, com geração.

F4) BEATRIZ JORGE, casada com GASPAS CAMELLO PEREIRA, com geração.

III- JERÔNIMO JORGE, cavaleiro de Santiago e irmão da Misericórdia em Ponta Delgada (15). Casou-se com BEATRIZ DE VIVEYROS (irmã inteira de Francisca de Viveyros de Souza, trisavó dos três irmãos Arrudas Botelhos de São Paulo), filha de Gaspar de Viveyros, o velho (em "Saudades da Terra", 4º, volume I, 72, 100, 294), "homem de muita nobreza e riqueza", e de sua mulher Isabel Castanho, esta irmã inteira de Pedro Rodrigues de Souza, que morou na Relva, e de Baltazar Rodrigues, de Santa Clara, filhos de Bartolomeu Rodrigues e de sua primeira mulher Beatriz Afonso (1). De Jerônimo Jorge e de sua mulher Beatriz de Viveyros nasceram:

F1) PERO JORGE, que faleceu em Lisboa.

F2) Frei JERÔNIMO, da Ordem de São Domingos, "religioso de muita virtude, bom letrado e pregador".

F3) GASPAS DE VIVEYROS, herdou o morgado de seu avô Pero Jorge e foi administrador de sua capela. Casou-se com MARIA BALDAYA, com geração.

F4) ANTÔNIO JORGE, que se casou em Portugal, sem geração.

F5) MARIA JERÔNIMA, que se casou com MANOEL DO REGO, que segue no capítulo 4 - Rego.

F6) D. LUIZA, que se casou com o fidalgo RUI GONÇALVES DA CÂMARA, com geração.

F7 / F8), solteiras.

F9), que se casou com ANTÔNIO DA COSTA.

Capítulo 4 - Rego

I- JOÃO VAZ DO REGO (17) foi um fidalgo muito honrado. Viveu na cidade do Porto. Seria filho de João Rodrigues do Rego (Felgueiras Gayo, título Rego, § 9 N1), senhor da quinta de Val da Cunha, que viveu no tempo do Rei D. João I de Portugal, por quem foi armado cavaleiro no mesmo dia da batalha de Aljubarrota, tendo estado também na tomada de Ceuta. João Vaz do Rego foi pai de:

II- GONÇALO DO REGO, o velho. É o tronco da família Rego da Ilha de São Miguel. Foi casado em primeiras núpcias, talvez no Porto, com MARIA BALDAYA, mulher fidalga (18), filha de Afonso Diniz, natural do Porto e senhor da quinta de Beire e de sua mulher Catarina Baldaya. Depois de viúvo, Gonçalo do Rego deixou as filhas no Reino, e foi para a Ilha de São Miguel com seus filhos, todos cavaleiros, ricos e abastados, onde ele se casou segunda vez com ISABEL PIRES (viúva de Sebastião Gonçalves Botelho), filha de João Álvares e de Maria Rodovalho (esta em Saudades da Terra, 4º, volume I, 252), esta filha de Lourenço Aires Rodovalho que serviu a El-Rei em África, onde foi armado cavaleiro, e foi juiz dos órfãos na vila da Ponta Delgada, e muitas vezes do judicial e vereador, e de sua mulher Inês Corrêa, natural do Algarve. Teve Gonçalo do Rego, o velho, de sua primeira mulher Maria Baldaya:

F1) GASPAR DO REGO BALDAYA, que a 12-ABR-1554 (19), de Ponta Delgada, escreveu uma carta para El-Rei de Portugal, bastante longa, nela declarando a força da sua gente que queria colocar à disposição de Sua Alteza: "Eu com meus irmãos e filhos solteiros dois, ajuntamos cento e vinte homens criados e caseiros nossos com arcabuzes, espingardas, bestas, lanças em ordenança com uma bandeira de minhas armas e tambor pelas ruas para animar os homens que o mesmo fizessem". El-Rei D. João III passou alvará a 23-MAI-1551 a seu favor, chamando-o de cavaleiro de Ordem de Cristo (20). Fez testamento a 29-SET-1571 nos Fenaes da Luz (21). Casou-se primeira vez com MARGARIDA PIRES (ascendentes dos irmãos ARRUDAS BOTELHOS e do sargento-mor JOÃO FALCÃO DE SOUZA, de Itu). Casou-se segunda vez com D. MARGARIDA DE SÁ, e foram pais de FRANCISCO DO REGO DE SÁ, o Grão-Capitão.

F2) BELCHIOR BALDAYA, casou-se com ISABEL ÁLVARES, com geração.

F3) JORGE DO REGO, faleceu solteiro.

F4) GONÇALO DO REGO, letrado em leis. Casou-se com D. BEATRIZ, filha de Gaspar Camelo, com geração.

De sua segunda mulher Isabel Pires teve Gonçalo do Rego, o velho:

F5) MANOEL DO REGO, que segue no **III**.

F6) AIRES PIRES, casou-se primeira vez com BEATRIZ DE SOUZA, com geração, e segunda vez com MARIA DE MEDEIROS, desta sem geração.

F7) ANA DO REGO, de grande virtude e nobreza. Casou-se com MANOEL PIRES D'ALMADA, cavaleiro-fidalgo da Casa d'El-Rei, com geração.

III- MANOEL DO REGO, cavaleiro da Casa Real (Saudades da Terra, 4º, volume I, página 247). Casou-se com MARIA JERÔNIMA, atrás descrita, no capítulo 3, filha de Jerônimo Jorge e de Beatriz de Viveyros. Foram pais de:

F1) GONÇALO DO REGO, casou-se primeira vez com BRIOLANJA MANOEL e segunda vez com ISABEL DE FARIA.

F2) BRÁS DO REGO RODOVALHO, que segue no **IV**.
F3/F4/F5/F6/F7/F8), seis filhas mulheres.

IV- BRÁS DO REGO RODOVALHO (Saudades da Terra, 4º, volume I, 247) casou-se a 22-JAN-1569 na Ribeira Grande (15), matriz de NS. da Estrela, com JERÔNIMA DE SOUZA, atrás descrita no capítulo 2, filha de Nuno de Souza e de sua mulher Catarina de Moura. Foram pais de:

F1) GONÇALO DO REGO DE SOUZA, que segue no **V**.
F2) MARIA DO REGO, que se casou a 12-NOV-1601 (15) na matriz de Ponta Delgada (São Sebastião) com GONÇALO DE SOUZA DE BENEVIDES, falecido a 03-MAI-1631 na matriz de Ponta Delgada (15).

V- GONÇALO DO REGO DE SOUZA casou-se com MARTA DA CUNHA TEIXEIRA, que faleceu a 10-FEV-1633 em Ponta Delgada (15), sendo seu óbito lançado na sua matriz de São Sebastião. Esta senhora era possivelmente parenta dos irmãos Salvador Teixeira da Cunha (pai de MANOEL DA CUNHA, que veio da Ilha de São Miguel para o Brasil, casando-se em São Paulo com Catarina Pinto) e padre Jerônimo da Cunha Teixeira, vigário de 1622 a 1635 da igreja do Rosário, no concelho da Lagoa, onde faleceu a 26-AGO-1635, deixando por testamentários os sobrinhos padre João Teixeira e sua irmã Margarida Teixeira. Gonçalo do Rego de Souza e sua mulher Marta da Cunha Teixeira viveram em Ponta Delgada e foram pais de:

F1) CALIXTO DO REGO DE SOUZA, que segue no **VI**.
F2) VITÓRIA, batizada a 22-OUT-1617 na matriz de Ponta Delgada, São Sebastião.
F3) ANA, batizada a 20-SET-1629 na matriz de Ponta Delgada.
F4) VITAL DO REGO, batizado a 17-FEV-1632 na matriz de Ponta Delgada.

VI- CALIXTO DO REGO DE SOUZA nasceu na cidade de Ponta Delgada, em cuja matriz de São Sebastião foi batizado a 18-OUT-1617 (15) e casou-se a 10-FEV-1649 em São Pedro de Ponta Delgada (22) com MARIA CABRAL DE MELLO, atrás mencionada no capítulo 1- Mello / Cabral de Mello, filha de André Alves de Siqueira e de sua mulher Catarina Cabral de Mello. Foram pais de:

F1) Capitão MANOEL DO REGO SOUZA, casou-se a 25-JAN-1675 com D. MARIA TAVARES DE VASCONCELLOS, com geração em Fenaes da Luz.
F2) LUZIA CABRAL DE MELLO. Casou-se com o alferes MANOEL DE MELLO D'ALMADA, adiante no capítulo 5- Soares de Souza / Almada.

Capítulo 5- Soares de Souza / Almada

I- JOÃO SOARES DE SOUZA. De sua ascendência bem disse o amigo e genealogista Luiz Carlos Sampaio de Mendonça: "Por seu conjunto de apelidos familiares, acrescido dos usados

por seus descendentes, deve ser oriundo de troncos povoadores da Ilha de Santa Maria." Vide capítulo 1- Mello / Cabral de Mello, atrás. Segundo o Livro de Genealogias do Dr. Carlos Machado e do Dr. Ernesto do Canto, às folhas 407, João Soares de Souza era filho de uma senhora de nome MARGARIDA DE FRÓES, a qual era filha ou nora de SIMÃO GONÇALVES e de MARIA FERNANDES. João Soares vinculou por testamento de 30-JUL-1664 (23). Casou-se por volta de 1625 com MARGARIDA FURTADO DA COSTA, que fez testamento a 30-MAI-1665 em Ponta Delgada, instituindo um vínculo, e veio a falecer a 09-DEZ-1666 na freguesia de São José da mesma cidade, filha do mestre (cirurgião) Manoel Dias Furtado e de sua mulher Maria Mendes. Este Manoel era meio-irmão (segundo o Dr. Rodrigo Rodrigues) do padre Dr. GASPAR FRUCTUOSO, o notável autor de "Saudades da Terra", tantas vezes mencionado nesse trabalho, e filho de Frutuoso Dias, mercador em Ponta Delgada, de cuja Misericórdia era irmão desde antes de 1533, e de sua (segunda ou terceira) mulher Maria Dias, filha de Lopo Dias, da Praia, dos nobres da terra (Saudades da Terra, 4º, volume I, página 206) e de Isabel Vaz, sua mulher, esta filha de Duarte Vaz, "Marinheiro de alcunha, porque mandara fazer à sua custa muitas naus e navios".

De João Soares de Souza e de sua mulher Margarida Furtado da Costa nasceram:

F1) MANOEL DIAS FURTADO, que foi testamenteiro de sua mãe. Em 1701 era morador em Santa Clara, em Ponta Delgada, e dava contas nos resíduos do vínculo instituído pela mãe.

F2) JOÃO SOARES DE SOUZA, casou-se com LUZIA DA COSTA, com geração.

F3) AGOSTINHO DE SOUZA DE ALMADA, que segue no **II**.

F4) MARIA FURTADO, com mais de 25 anos em 1674.

F5) VITÓRIA DE SOUZA FURTADO, que vinculou por testamento de 13-DEZ-1699. Casou-se a 02-JUN-1664 em São José, Ponta Delgada, com MANOEL DA CÂMARA DE SOUZA (viúvo de Isabel Moreira), com geração.

II- AGOSTINHO DE SOUZA DE ALMADA viveu nos Fenaes da Luz. Casou-se por volta de 1648 com ISABEL DE MELLO CABRAL, também conhecida como ISABEL CABRAL DE MELLO, de ascendência ainda não conhecida, mas que muito possivelmente seria da mesma família Mello / Cabral de Mello, descrita no capítulo 1. Foram pais de:

F1) Padre TOMÉ DE SOUZA DE MELLO, batizado a 26-DEZ-1652 nos Fenaes da Luz, matriz de NS. da Luz.

F2) Alferes MANOEL DE MELLO D'ALMADA, que segue no **III**.

III- Alferes MANOEL DE MELLO D'ALMADA, batizado a 01-DEZ-1659 em Fenaes da Luz (15), matriz de NS. da Luz, onde foi sempre morador e onde veio a falecer a 28-MAI-1704 (24). Casou-se pela primeira vez cerca de 1681 com LUZIA CABRAL DE MELLO, atrás descrita no capítulo 4 - Rego, filha de Calixto do Rego e Souza e de sua mulher Maria Cabral de Mello.

Viúvo, o alferes Manoel de Mello casou-se segunda vez, a 11-AGO-1696 na freguesia de Fenaes da Luz (25), na matriz, com TERESA (ou CATARINA) DE OLIVEIRA DE VASCONCELLOS, filha do capitão Gabriel de Almendrega e de sua mulher Crisóstoma de Oliveira Vasconcellos. Teresa de Oliveira casou-se depois, a 16-DEZ-1706, com SALVADOR MANOEL, filho de outro Salvador Manoel e de Bárbara Furtado, da freguesia de Rabo de Peixe. De Manoel de Mello d'Almada com sua primeira mulher Luzia Cabral de Mello nasceram:

F1) MATIAS DE MELLO DO REGO nasceu cerca de 1683 na freguesia de Fenaes da Luz. Veio para o Brasil, estabelecendo-se em Itu, onde se casou na matriz de NS. da Candelária a 30-ABR-1708 (26) com D. FRANCISCA DE ARRUDA, viúva de Antônio de Medeiros de Macedo (27), filha de Sebastião de Arruda Botelho, natural da Ilha de São Miguel, e um dos troncos dos Arrudas Botelhos no Brasil, e de sua mulher Isabel de Quadros. Matias foi juiz dos órfãos de 1720 a 1723 de Itu, onde veio a falecer em 1763. Foi o fundador da capela de Santa Rita, no ano de 1726, na região central da vila de Itu. Vide sua geração na Genealogia Paulistana, de Silva Leme, volume IV, páginas 156 e seguintes.

F2) Capitão-mor JOÃO DE MELLO DO REGO nasceu na freguesia de Fenaes da Luz, sendo batizado (28) na sua matriz de NS. da Luz a 27-JAN-1684. Veio para o Brasil, onde se casou a 20-MAI-1704 em Itu (29), matriz de NS. da Candelária, com D. BERNARDA DE ARRUDA, irmã de D. Francisca de Arruda, acima, filhas de Sebastião de Arruda Botelho e de sua mulher Isabel de Quadros. João de Mello do Rego foi capitão-mor da vila de Itu, e nela serviu os honrosos cargos, tendo sido ainda coronel do Regimento de Auxiliares, provedor dos Reais Quintos e comissário dos direitos da Fazenda Real a que estavam sujeitas as bestas saídas das campanhas do Rio Grande do Sul. Fez testamento a 12-AGO-1771 em Itu (30), nele pedindo para seu corpo ser sepultado na capela de NS. do Carmo, de onde era terceiro. Em seu testamento declarou que era "natural da Ilha de São Miguel, filho legítimo do alferes Manoel de Mello Almada, e de Luzia Cabral de Mello, batizado na matriz de Nossa Senhora da Luz do lugar dos Fenaes termo da cidade da Ponta Delgada". Sobre terras declarou que nos campos de Curitiba tinha uma fazenda chamada "A Cinza", a qual lhe coube em partilhas por morte de sua esposa, e nela tinha quase setenta éguas e noventa cabeças de gado vacum. Deixou geração descrita na Genealogia Paulistana, IV, 150 e seguintes. Originaram a família Silveira Mello de Piracicaba, da qual é descendente o genealogista ARTHUR NOGUEIRA CAMPOS.

F3) MANOEL DE MELLO E SOUZA, que se casou a 14-JUN-1704 nos Fenaes, matriz de NS. da Luz, com ISABEL DE VIVEYROS DE VASCONCELLOS, filha de Manoel de Viveyros da Costa e de Õrsula Vieira Mourato, com geração.

F4) DOMINGOS, batizado a 25-MAI-1685 na freguesia dos Fenaes, matriz de N.S^a da Luz (31).

F5) Capitão PEDRO DE MELLO E SOUZA, que segue no **IV**.

F6) LUZIA, batizada a 20-JAN-1692 (32) na freguesia de Fenaes, matriz de N.S^a da Luz.

Do alferes Manoel de Mello d'Almada com sua segunda mulher Teresa de Oliveira nasceram:

F7) Madre MARIA JOSEFA DA CONCEIÇÃO- esta vem citada no Livro de Genealogias de Carlos Machado e Ernesto do Canto, como batizada a 01-DEZ-1690 em Fenaes, matriz de NS. da Luz- sendo assim ela seria filha do primeiro casamento de seu pai.

F8) TERESA FRANCISCA DE MELLO, batizada (15) a 16-MAI-1706 nos Fenaes, matriz de NS. da Luz, onde se casou a 06-DEZ-1724 (fls. 43-v do 2º livro de casamentos) com o alferes FRANCISCO DE MELLO FRAZÃO, filho do capitão Manoel de Souza do Monte e de D. Bárbara Pereira (ou Frazão), com geração.

IV- Capitão PEDRO DE MELLO E SOUZA, nascido na freguesia dos Fenaes da Luz, em cuja igreja matriz de NS. da Luz foi batizado (33) a 01-JUL-1690. Esta freguesia pertence ao concelho de Ponta Delgada, distrito de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel. Veio para o Brasil, seguindo os passos de seus irmãos mais velhos, Matias e João de Mello do Rego. Casou-se em Itu, na sua matriz de NS. da Candelária, a 20-MAI-1720 (34) com D. MARIA DE ARRUDA DE SIQUEIRA, também nomeada MARIA DE ARRUDA CASTANHO e MARIA DE ARAÓJO, sobrinha das mulheres de Matias e de João de Mello do Rego, suas cunhadas. D. Maria de Arruda nasceu cerca de 1706 em Itu, onde veio a falecer viúva em 1784, e era filha do capitão Maximiano de Góes e Siqueira, ou Maximiano de Góes e Araújo, nascido cerca de 1665 em São Paulo, e de sua mulher (casados a 13-JAN-1695 na matriz de Santana de Parnaíba) D. Maria de Arruda, a qual faleceu a 12-FEV-1753 em Itu (fls. 98 do 2º livro de óbitos de Itu), já viúva; neta paterna de Lourenço Castanho Taques e de Maria de Araújo (esta descendente dos Góes, Araújo e Siqueiras da Bahia); neta materna dos já citados Sebastião de Arruda Botelho, um dos troncos Arrudas Botelhos de São Paulo, e de Isabel de Quadros.

Com este casamento Pedro de Mello e Souza ligou-se às mais notáveis famílias de São Paulo e de Itu, sendo seu sogro o capitão Maximiano de Góes grande proprietário de terras na região de Curitiba (35), juntamente com seus parentes Taques, onde possuíam verdadeiro feudo, e onde com seu irmão Luís Pedroso de Barros foi o capitão Maximiano fundador do curral e fazenda da "Escaramuça", dentre os rios Taquari e Apiaí (ou Tapiaí). Apenas na região dos campos de Curitiba (estado do Paraná) ele recebeu cerca de 13.500 alqueires paulistas, ou sete léguas e meia de comprimento por uma légua de sertão (cada légua equivale a 6.600 metros lineares). Certamente convidado pelo tio de sua mulher, Luís Pedroso de Barros, que esteve abrindo caminho para as minas novas de Cuiabá, estado de Mato Grosso, para lá foi Pedro de Mello e Souza à busca de ouro, onde, a 05-JUN-1727 (36) recebeu sesmaria, pequena em extensão, apenas para se

plantar mantimentos e assim minimizar a necessidade de alimentos para as novas minas de então - essa sesmaria ficava próxima de Cuiabá e de Coxipó da Ponte.

Algum tempo depois o capitão Pedro reaparece em Itu, onde vem recenseado de 1765 (quando se iniciaram os recenseamentos de São Paulo por ordem do morgado de Mateus) até o final de sua vida. Assim, no censo de 1773 (aos oitenta e três anos de idade) plantava para sua subsistência e possuía oito escravos. Faleceu a 19-ABR-1775 em Itu (37). Do capitão Pedro de Mello e Souza e de D. Maria de Arruda de Siqueira nasceram (vide sua geração na Genealogia Paulistana, IV, 242 e seguintes):

F1) PEDRO DE MELLO CASTANHO, que segue no **V**.

F2) Guarda-mor CALIXTO DO REGO SOUZA E MELLO, nasceu em Itu, em cuja igreja matriz foi bat. (livro nº 51 do Arquivo da Cúria Diocesana de Jundiaí, fls. 10-v) a 13-FEV-1723. Morador em Itu, ali fez testamento a ..- JAN-1799, o qual recebeu o "cumpra-se" a 07-JUN-1803 em Itu (38). Casou-se a 14-NOV-1746 em Araçariguama, em sua matriz de NS^a da Penha, com D. MARIA DE CERQUEIRA PAES, nascida a 26-SET-1732 em Araçariguama, sendo batizada na matriz a 03-OUT-1732, filha do capitão Fernão Paes de Barros e de Ângela Ribeiro Leite. O guarda-mor Calixto e sua mulher tiveram grande geração. Deles é neto paterno o inesquecível bispo de São Paulo e conde romano D. ANTÔNIO JOAQUIM DE MELLO, e neto materno o político FRANCISCO DE PAULA SOUZA E MELLO, deputado, senador, ministro e conselheiro. Do casal acima foi genro o famoso capitão-mor de Itu Vicente da Costa Taques Góes e Aranha, do qual descende a família Almeida Prado de Jaú, ou melhor, Jahu, e conseqüentemente os amigos e genealogistas ORLANDO PRADO BROWNE, LUIZ CARLOS SAMPAIO DE MENDONÇA e JOSÉ MILTON NEGRÃO SILVA.

F3) D. MARIA DO REGO MELLO, batizada (livro nº 51 do Arquivo da Cúria Diocesana de Jundiaí, fls. 20) a 08-SET-1724 em Itu, na igreja matriz, onde se casou em 1749, com dispensa matrimonial promovida em 1748 (39), com JOSÉ DE CAMPOS BRANDEMBURGO (corruptela errônea de **van der Borg**), natural de Itu, sendo batizado na igreja matriz a 29-SET-1718, filho do sargento-mor de batalha Domingos Jorge da Silva e de D. Margarida de Campos Bicudo. Domingos Jorge da Silva era homem nobre, que se tornou familiar do Santo Ofício em 1711 (40), o qual era filho do capitão-mor Salvador Jorge Velho, que pretendeu se tornar familiar do Santo Ofício em 1690, o qual intento não se realizou por haver falecido antes. José declarou em seus banhos que com a idade de oito anos passou para as minas de Paranapanema em companhia de seus pais, onde assistiu por tempo de três anos, e dali se passou, ainda com seus pais, para o Rio Pardo, caminho de Goiás, distrito da freguesia de Mogi do Campo (atual Mogi Guaçu), onde gastou oito anos, e dali passou para a vila da Senhora Santana de Goiás, onde assistiu nove ou dez anos no Areal da Barra, que então era distrito da dita vila, e que da dita vila se passou para as minas do Cuiabá, onde gastou quatro

meses, e dali para a vila de Itu, onde já assistia há oito ou nove meses. Era livre, desimpedido e solteiro. José de Campos teve uma filha natural, nascida no Areal da Barra, de nome CLARA JORGE DA SILVA, a qual acompanhou seu pai José de Campos Brandemburgo para os sertões de Vacaria, ao norte do estado do Rio Grande do Sul. Vide sua descendência em "Rainha do Planalto" (41), onde se verifica que José de Campos estava estabelecido desde 1753 em Vacaria e "foi o descobridor dos maravilhosos campos onde fundou a fazenda de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que tinha três léguas de comprimento, por uma e meia de largura". D. Maria do Rego Mello não deixou geração de sua casamento, e segundo o autor de "Rainha do Planalto" ela deixou a determinação testamentária de alforriar a metade dos escravos daquele opulento solar planaltino. José de Campos faleceu em 1813. José de Campos "Branderbu" foi padrinho de um batizado de Lages em fevereiro de 1773, constando como casado e morador na freguesia da Oliveira de Vacaria.

F4) Isabel. Bat. (livro nº 51 do Arquivo da Cúria Diocesana de Jundiaí, fls. 31-v) a 08-SET-1726 na igreja matriz de Itu.

V- PEDRO DE MELLO CASTANHO nasceu cerca de 1722 em Itu, onde faleceu em 1777. Viveu em Itu, onde plantava cana para produção de açúcar, e demais mantimentos para sua subsistência. Em 1773 doze escravos o ajudavam em seu sítio. Pedro de Mello Castanho casou-se a 30-OUT-1758 em Itu, na sua matriz de NS. da Candelária, com D. INÁCIA DE ARRUDA LEITE, nascida cerca de 1738 em Itu e ali falecida depois de 1813, e que, depois de viúva, casou-se segunda vez em 1787 em Itu com o capitão ANTÔNIO SOARES DA COSTA e terceira vez a 09-JUL-1793 em Itu (fls. 45-v) com o capitão JOSÉ DE CAMARGO PAES, sem geração dos dois últimos. D. Inácia era filha do capitão-mor de Itu, o português Manoel de Sampaio Pacheco, nascido na freguesia de Rabo de Peixe, concelho da Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, sendo batizado na matriz da dita freguesia a 30-ABR-1681 (essa data foi obtida por gentileza de Luiz Carlos Sampaio de Mendonça), e falecido em 1762 em Itu, e de sua segunda mulher (casados a 0.-OUT-1717 na matriz de Itu) D. Verônica Dias Leite, nascida cerca de 1700 em Itu, onde faleceu a 8-JUN-1785, esta filha do capitão Pedro Dias Leite (filho do tronco dos Ferrazes de São Paulo, Manoel Ferraz de Araújo) e de D. Antonia de Arruda (filha de um dos troncos dos Arrudas Botelhos de São Paulo). O capitão-mor Manoel de Sampaio Pacheco era sobrinho-neto dos três irmãos Arrudas Botelhos que vieram da Ilha de São Miguel para São Paulo. De Pedro de Mello Castanho e de sua mulher D. Inácia de Arruda nasceram:

F1) BELCHIOR, batizado a 08-NOV-1761 na matriz de Itu (fls. 68-v). Falecido criança.

F2) MANOEL DE SAMPAIO CASTANHO, batizado a 02-AGO-1763 na matriz de Itu (fls. 89), onde se casou em 1785 com FRANCISCA

DE SIQUEIRA, sem geração. Em 1804 estava ausente no sul do país.

F3) BALDUËNO DE MELLO CASTANHO E SAMPAIO, que segue no **VI**.

F4) MARIA, batizada a 17-JUL-1767 na matriz de Itu (fls. 166-v). Falecida criança.

VI- BALDUËNO DE MELLO CASTANHO E SAMPAIO nasceu em Itu, sendo batizado (42) a 29-MAI-1765 em Sorocaba, em sua matriz de NS. da Ponte (mas seu assento lançado em Itu por seus pais ali serem fregueses). Contratado seu casamento com sua parenta D. ANTONIA DE PÁDUA DO AMARAL (GURGEL), requereram dispensa matrimonial em 1797 - neste instrumento o orador Balduíno disse ser pessoa ágil, trabalhadora e capaz de tratar a noiva conforme a qualidade de sua pessoa. O casamento entre os noivos deu-se a 09-SET-1797 em Itu (43), em sua matriz de NS. da Candelária, dando início à família Amaral Mello e a uma longa série de Balduínos. Balduíno casou-se, como atrás ficou dito, com D. Antonia de Pádua do Amaral (Gurgel), natural de Itu, onde foi batizada a 15-MAR-1774 em sua igreja matriz, descrita no artigo **A FAMØLIA AMARAL GURGEL**, nesta mesma edição. Era filha de Vicente Ferrer do Amaral (Gurgel) e de D. Brígida Soares de Camargo. Sua mulher Antonia de Pádua foi inventariada (44) a 06-FEV-1830 em Itu.

Balduíno recebeu a 20-JUL-1799 (45) uma carta de sesmaria de meia légua de terras em quadra (cerca de 450 alqueires paulistas) na vila de Itu, na paragem chamada Boiri, hoje em terras do município de Indaiatuba, das quais terras ele tomou posse, e onde além de manter lavoura de subsistência, plantava cana para produção de açúcar. Esta sua fazenda recebeu em 1830, no inventário de sua mulher, a seguinte descrição: "um sítio com casas de morada cobertas de telha, parede de mão com dois lanços, casas de engenho e fábrica de açúcar e seus utensílios pertencentes à mesma fábrica com terras pertencentes ao mesmo sítio, partindo rio acima com Francisco Xavier de Almeida, Joaquim Guedes, José Pereira e a herança de Melchior Nunes e rio abaixo parte com Antônio Rodrigues Leite"- avaliado em 1:200\$000 (um conto e duzentos mil réis). Estas terras passaram depois para os seus netos, filhos de seu filho Pedro de Mello e Souza, que em 1856 (Livro nº 106 de Registros Paroquiais, de Indaiatuba, na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo) recebiam o nome de **Pau d'Aio**.

Além disso possuíam "uma morada de casas na rua de Santa Rita com dois lanços, paredes de pilão, partindo com Estansláu do Amaral Campos Pacheco, e do outro lado com o terreno de Antônio Leite de Sampaio e o quintal partindo com o mesmo Sampaio"- avaliada em 270\$000 (duzentos e setenta mil réis).

Viúvo, Balduíno casa-se novamente, a 02-ABR-1834, na igreja matriz de Itu (livro nº 9 de casamentos, fls. 50) com a igualmente viúva D. GERTRUDES ANTONIA FERRAZ DE CAMPOS (Genealogia Paulistana, IV, 30), não deixando geração. No

assento de casamento, Gertrudes vem como viúva de Francisco Cardoso. Ela fora primeira vez casada com o tenente Manoel de Barros Ferraz (a 28-AGO-1798 na matriz de Itu), o qual faleceu a 30-ABR-1830 em Piracicaba, para onde se mudara pelos anos de 1808, sendo ali senhor de engenho. Gertrudes nasceu em Itu, tendo sido batizada na sua igreja matriz de NS. da Candelária a 13-JUN-1783, filha de João Ferraz de Campos, natural de Itu, em cuja matriz foi batizado a 29-OUT-1730, onde também faleceu, a 17-DEZ-1804, e de sua primeira mulher D. Rosa Maria de Siqueira, nascida a 29-AGO-1738 em Santana de Parnaíba, em cuja matriz foi batizada a 06-SET-1738, e falecida a 20-DEZ-1803 em Itu.

O novo casal foi recenseado em 1836 na freguesia de Indaiatuba (2ª quadra), na vila de Itu (Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, nº de ordem 80). Eram lavradores, senhores de um engenho, com produção de 200 alqueires de milho, 20 alqueires de feijão e 400 arrobas de açúcar, com a ajuda de 20 escravos. Com eles viviam os filhos caçulas de cada um, a saber, de Balduino: Balduino e Francisco de Mello Castanho, de Gertrudes: Antônio de Barros Ferraz, de 17 anos (futuro barão de Piracicamirim), João, de 14 anos e Irineu de Barros Ferraz, de 12 anos, os três últimos nascidos em Piracicaba.

Falecendo Balduino de Mello, foi inventariado (46) em 1847 em Itu, residindo na então freguesia de Indaiatuba.

De Balduino de Mello Castanho e Sampaio e de sua mulher D. Antonia de Pádua do Amaral (Gurgel) nasceram (vide sua geração na Genealogia Paulistana, IV, 243):

F1) Major MELCHIOR DE MELLO CASTANHO, que segue no **VII**.

F2) ANTONIA, batizada a 21-ABR-1802 em Itu, na sua igreja matriz (fls. 72-v). Falecida criança.

F3) ANTÔNIO DE MELLO CASTANHO nasceu cerca de 1802 em Itu. Casou-se a 09-FEV-1824 na então capela de Indaiatuba (livro nº 12 de casamentos da matriz de Itu, fls. 123-v) com D. ANTONIA VICÊNCIA PAES DE BARROS (no casamento vem nomeada Ana Vicência de Barros), sua prima irmã, nascida cerca de 1805 em Itu, filha do capitão José Inácio de Camargo Penteado e de D. Gertrudes Soares de Camargo. Com geração.

F4) PEDRO DE MELLO SOUZA, nascido a 24-AGO-1803 em Itu, sendo batizado na sua igreja matriz a 13-SET-1803 (fls. 103 do livro nº 8), onde se casou a 24-MAIO-1828 (livro nº 12 de casamentos da matriz de Itu, fls. 155-v) com D. FRANCISCA FERRAZ DE ALMEIDA, nascida cerca de 1809 em Piracicaba. É época ele vivia no bairro de Indaiatuba em companhia de seus pais. Auxiliou muito Silva Leme- que escreveu sobre ele: "Foi Pedro de Mello Souza caráter de rija têmpera, notável pela memória que conservou até os últimos anos de sua vida, constituindo-se no depositário de quem as gerações de hoje iam receber as tradições de seus antepassados." É o bisavô do historiador campineiro e amigo CELSO MARIA DE MELLO PUPO, que relembra que seu bisavô Pedro quando era elogiado pelos seus conhecimentos genealógicos, dizia: "o meu pai conhecia muito mais" (47).

F5) MANOEL, batizado a 31-DEZ-1804 em Itu (fls. 126), na igreja matriz. Faleceu criança.

F6) FERNANDO LOPES DE CAMARGO (nome de seu trisavô), batizado a 05-JUN-1806 em Itu (fls. 158-v do livro nº 8), na igreja matriz. Requereu dispensa matrimonial (48) para se casar em 1848 com D. GERTRUDES DE JESUS AMARAL (viúva de BENTO DE CAMARGO ARRUDA BARROS, de quem teve geração), nascida cerca de 1810 em Piracicaba, e freguesa em 1848 de Campinas, com seu engenho de açúcar. Neste ano de 1848 Fernando vivia em Indaiatuba com o seu negócio de animais.

F7) JOSÉ BALDUØNO DO AMARAL GURGEL, nascido cerca de 1808. Casou-se primeira vez com D. MARIA DE CAMPOS, sem geração, e segunda vez com sua prima D. MARIA EVANGELISTA DO AMARAL GURGEL, com geração.

F8) ELIAS DE MELLO CASTANHO nasceu em Itu cerca de 1813. Casou-se a 08-OUT-1840 em Capivari, igreja matriz de São João Batista, com D. ANA EUFROZINA DO AMARAL, ou ANA EUFROZINA DE ARRUDA, ela de Capivari e ele freguês de Indaiatuba. A noiva era viúva de Manoel d'Abreu Amaral. Com geração nesta própria revista (vide). São ascendentes da genealogista D. MARIA CELINA EXNER GODOY ISOLDI.

F9) BALDUØNO DE MELLO CASTANHO, nascido cerca de 1818. Casou-se primeira vez com D. MARIA TERESA DE ALMEIDA, ou D. MARIA DA ANUNCIAÇÃO, e segunda vez a 23-DEZ-1858 na matriz de NS. da Candelária de Indaiatuba (fls. 80-v) com sua sobrinha D. ANTONIA DE PÁDUA DO AMARAL (filha de seu irmão Pedro de Mello Souza), com geração das duas. Neste seu 2º casamento vem como freguês de Capivari, e a noiva freguesa de Indaiatuba.

F10) FRANCISCO DE MELLO CASTANHO, ou FRANCISCO BALDUØNO DE MELLO AMARAL nascido cerca de 1820 em Itu. Casou-se, pela primeira vez, a 14-JUL-1846 em Capivari, matriz de São João Batista, com D. MARIA LEOPOLDINA (LEITE) DE MORAES (viúva de Antônio Rodrigues do Amaral), sem geração. Casou-se segunda vez com D. GERTRUDES CORRØA DA SILVA, com geração.

VII- Major MELCHIOR DE MELLO CASTANHO, que nasceu a 26-ABR-1800 em Itu, sendo batizado (49) na sua matriz de NS. da Candelária a 04-MAI-1800. Se nasceu mesmo em Itu, é provável que tivesse sido na rua de Santa Rita, morada de seus pais naquela vila, mas sua infância foi vivida em Indaiatuba. Certamente recebeu o nome **Melchior** (lê-se Melchior mesmo, e não Melquior, como moderna e errôneamente alguns dizem) em homenagem ao seu tio, o padre Melchior de Pontes Amaral, inclusive seu padrinho, e este por sua vez o teria recebido em lembrança à grande figura humana que foi o padre Belchior de Pontes, jesuíta tido como venerável. Tão forte era o nome e o homem, que os descendentes de Melchior de Mello eram conhecidos por "merchiolada". Este homem de presença marcante já aos quinze anos de idade era soldado miliciano em Itu, onde vivia no agasalho do lar. Assentou praça e jurou bandeira a 01-AGO-1817 e marchou para o Sul a 20-AGO-1817 na guerra contra os castelhanos (50).

Casou-se cerca de 1829 (o assento não foi encontrado), provavelmente em Campinas, talvez em fazenda de sua sogra, a "Anhumas", a qual tinha oratório portátil, com D. EUFROZINA FERRAZ DE CAMARGO, também conhecida como D. MARIA EUFROZINA DA ROCHA, descrita na Genealogia Paulistana, I, 288, nascida a 03-OUT-1811 em Campinas, sendo batizada a 13-OUT-1811 na sua igreja matriz de NS. da Conceição, e que faleceu a ...-JUL-1877 em Piracicaba, onde fizera testamento a 18-SET-1875 (51), filha do sargento-mor José da Rocha Camargo, nascido cerca de 1757 em Cotia, senhor do engenho "Anhumas" em Campinas, onde faleceu a ...-DEZ-1824, e de sua mulher (casados a 21-JUL-1795 em Campinas) D. Ana Maria Ferraz, nascida em Itu, onde foi batizada a 24-JUN-1775, e falecida a 10-MAR-1858 em Campinas.

A vida do major Melchior foi descrita pelo jornalista Néelson Camponez de Oliveira no "Jornal de Piracicaba", em artigos de 01-NOV-1942 a 15-DEZ-1942, alusivo ao Centenário da "Revolução de 1842". A 28 de maio de 1842 Melchior, então presidente da Câmara revoltosa de Piracicaba, parte para a batalha ingressando num corpo de voluntários, estando presente a 07-JUN-1842 no episódio de Venda Grande (em Campinas), onde foi feito prisioneiro pelas tropas oficiais enviadas por Caxias - deram-lhe a cidade de Campinas como menagem, onde ficou preso tão somente pela palavra.

Melchior administrou de 1829 até cerca de 1834 a fazenda "Anhumas", de propriedade de sua sogra D. Ana Maria Ferraz, conquanto apareça em 09-DEZ-1832 nos livros paroquiais de Indaiatuba (fls. 3-v) batizando onze escravos, todos adultos, da Guiné. Cerca de 1835 já estava em Piracicaba, cidade que adotou como definitivamente sua. No recenseamento ali verificado em 1835 apareceu como "morador novo", era lavrador e possuía de seu quinze escravos, e por ser novo não teve safra nesse ano. Serviu várias vezes a Câmara Municipal como vereador e presidente dela. Era senhor de engenho de açúcar no então bairro de Rio das Pedras, hoje município e major da Guarda Nacional. Faleceu na manhã de 03-NOV-1871 em Piracicaba, onde havia feito testamento no dia anterior, sendo inventariado em Piracicaba (51).

De Melchior de Mello Castanho e de sua mulher D. Eufrozina Ferraz de Camargo nasceram:

F1) FRANCISCO DE MELLO CASTANHO, nascido cerca de 1830, falecido solteiro.

F2) JOSÉ DA ROCHA CAMARGO MELLO (JUCA) nasceu cerca de 1831 em Campinas. Casou-se a 20-MAIO-1854 na matriz de Piracicaba (1º nº 2 de casamentos, fls. 1) com D. ANA VIEGAS JORTES MONIZ, natural de Porto Feliz, filha de Joaquim Viegas Muniz e de D. Carlota Joaquina de Moraes Abreu. Com geração.

F3) D. ANA MARIA FERRAZ, que se casou com o tenente JOÃO FRUTUOSO COELHO, proprietário da fazenda "São João", que depois foi arrematada pelo seu cunhado capitão Vicente do Amaral Mello. Foram pais, dentre outros, da 1ª CONDESSA SICILIANO.

F4) BALDUÍNO DE MELLO AMARAL, batizado a 08-JUL-1838 em Piracicaba (fls. 44-v), na matriz de Santo Antônio, onde foi agrimensor. Passou depois para Campinas onde mostrou pendor para a medicina homeopática, desenvolvendo um remédio que foi denominado "baldunuíba". Faleceu solteiro.

F5) D. ANTONIA DO AMARAL MELLO, batizada a 24-JAN-1840 na matriz de Piracicaba (fls. 85-v). Casou-se com FRANCISCO ALVES BONILHA, irmão de Martim (abaixo), com geração.

F6) D. MARIA DO AMARAL MELLO, batizada a 10-MAI-1841 na matriz de Piracicaba (fls. 118-v). Casou-se com MARTIM ALVES BONILHA, que faleceu a 10-ABR-1897. Foram pais de FÉLIX DO AMARAL MELLO BONILHA, mais conhecido pelo nome de "NHã LICA", figura singela e encantadora de Piracicaba. Deste casal é trineta a genealogista D. MARIA DO CARMO MENDES DE ANDRADE E SOUZA.

F7) MELCHIOR DE MELLO CASTANHO JÔNIO, batizado a 22-MAI-1843 na matriz de Piracicaba. Casou-se com D. JOAQUINA (OU ANA) GALVÃO DE ALMEIDA, que faleceu aos quarenta anos de idade a 13-FEV-1890 em Piracicaba, com geração.

F8) ANTÔNIO ARISTIDES DE MELLO, casou-se com D. GERTRUDES DE SOUZA, com geração. Moradores em Capivari.

F9) D. AMBROZINA DO AMARAL MELLO, casou-se depois de 1877 com o português JOAQUIM DE OLIVEIRA, sem geração.

F10) Capitão VICENTE DO AMARAL MELLO, que segue no **VIII**.

F11) MANOEL DE MELLO, batizado a 21-ABR-1851 em Piracicaba (fls. 71), na igreja matriz. Já era falecido em 1877. Casou-se a 04-JUL-1874 em Capivari (segundo informações de D. Maria Celina Exner Godoy Isoldi), na sua igreja matriz de São João Batista, com D. ELISA DE CAMPOS LEITE, com filha única em 1877, ANA.

VIII- Capitão VICENTE DO AMARAL MELLO, nascido a 24-JAN-1850 em Piracicaba, sendo batizado (52) a 07-FEV-1850 na sua igreja matriz de Santo Antônio. Casou-se (53) a 28-MAI-1878 em Piracicaba, em oratório privado, com D. EPHIGÊNIA LEITE DE NEGREIROS, que depois de casada passou a assinar Ephigênia Leite de Mello, a qual nasceu a 21-SET-1859 em Piracicaba, onde veio a falecer a 17-OUT-1919. Sua genealogia vem descrita em Genealogia Paulistana (Silva Leme), III, 108; Livro de Minha Família (José Bonifácio de Arruda), página 100; e em "Os descendentes do ouvidor Lourenço de Almeida Prado" (Frederico de Barros Brotero), página 353. Era filha de João Leite de Cerqueira César, que nasceu a 28-DEZ-1822 em Porto Feliz, batizado a 01-JAN-1823 em Piracicaba, na matriz, onde faleceu a ...-AGO-1890, e de sua mulher (casados a 27-ABR-1843 na matriz de Rio Claro) D. Antonia Isabel de Negreiros, a qual nasceu em Piracicaba, sendo batizada a 13-JUL-1826 na matriz, e onde faleceu a 03-NOV-1890. João Leite foi dos primeiros moradores do então bairro de São Pedro, hoje município, onde era proprietário da fazenda de café chamada "Bela Vista", e dali passou para Rio das Pedras, onde foi proprietário da fazenda "Bom Retiro"; já bem idoso foi residir no centro de Piracicaba,

na esquina das ruas Moraes Barros e alferes José Caetano, em bonito casarão, recentemente demolido. Era João Leite neto materno do tenente Manoel de Barros Ferraz e de D. Gertrudes Antonia Ferraz de Campos, a qual depois foi segunda mulher de Balduino de Mello Castanho, acima no VI.

Vicente do Amaral era capitão da Guarda Nacional. Em Piracicaba fora discípulo do renomado professor José Romão Leite Prestes (natural de São Paulo, e casado em Piracicaba a 19-JUL-1859 com Antonia Blandina de Toledo). Quando solteiro, fora corretor de imóveis e principalmente de café. Adquiria o café em grãos, mandava beneficiá-lo e depois o revendia em Santos. Logo após seu casamento foi administrador da fazenda de seu sogro João Leite, em São Pedro. Transferiu-se para Rio das Pedras, onde arrematou, a 25-NOV-1886, com seu cunhado José Leite de Negreiros (Zeca Leite) as terras de João Frutuoso Coelho, seu cunhado, que se constituíam na "Fazenda São João", de 270 alqueires, com cerca de 130 mil pés de café, 40 casas de colonos, um terreiro ladrilhado, e muitas outras benfeitorias mais, como luz, água encanada e telefone, sendo ainda hoje lembrada com carinho pelos velhos piracicabanos. Esta fazenda mereceu um artigo de José Silveira (certamente auxiliado pelo primo Rocha Netto) no Jornal de Piracicaba (de 09-MAIO-1954), que vale a pena reproduzir, como segue:

Onde estão (onde estão?!) as velhas casas de fazendas paulistas? Afundar-se interior a dentro não dará mais ao viajor ensanchas para revê-las amiúde, como acontecia nos bons tempos em que elas caiavam, de distâncias em distâncias, o verde compacto e generoso das superfícies enlavouradas.

Velhas casas de fazenda! Velhas taipas descascadas, iguais a retratos de família que vão ficando por ficar, até que se desmanchem um dia irremediavelmente sob a ação lenta e implacável do tempo.

Algumas poucas (como a da fotografia) vão resistindo, num esforço inaudito, de sobrevivência. Dir-se-iam terem também amor à terra onde nasceram, viveram e à qual serviram silenciosa, prodigiosamente: porém, crepusculares e carcomidas, abandonadas, inúteis e marginais, não tendo mais nada de si a dar, aguardam com dignidade e até com um resto de altivez o "pé de vento" enraivecido e inevitável que mais dia ou menos dia as varrerá definitivamente da face da terra.

Essa que aí está, na fotografia, pertenceu a João Frutuoso Coelho, ascendente do conde Alexandre Siciliano (Piracicaba, volta de 1854). Tem cem anos. Em 1887 mudou de donos, adquirida que foi pelo capitão Vicente do Amaral Mello. Chama-se "Fazenda São João" e está localizada no município de "Rio das Pedras". Nos bons tempos avermelhou safras de cornucópicas de café (120 mil pés) e, nos seus 236 alqueires de terras ricas e luxuriantes, eram famosos seus gados, sua policultura e suas aguadas.

Na sua época de esplendor e fastígio abrigou e deu pousada a todos os mais proeminentes vultos da política brasileira, e enquanto se prolongava a reunião, o povo ao redor rumorejava: "estão decidindo nosso destino..."

Foi vendida, posteriormente, pelos filhos do capitão Vicente à Usina Santa Helena S/A., e os novos proprietários, empolgados da mentalidade canavieira em voga, liquidaram um remanescente de 20 mil pés de café e espalharam na gleba canaviais sem fim...

De tudo que havia, ficaram o pomar e a "casa grande"; ambos, porém, sem qualquer alento, sem nenhuma força reprodutiva capaz de lhes garantir sobrevivência menos periclitante.

Vão morrendo, assim, sem outra alternativa, as velhas fazendas paulistas, poluídas, tristes e vacilantes no seu reino frio de sombras e duendes...

A sede da fazenda "São João" foi demolida na década de 60. O capitão Vicente, em Piracicaba, residia na antiga rua do Comércio, nº 185, atual Governador Pedro de Toledo, em frente ao Mercado Municipal (o prédio atualmente é uma pensão). Foi um dos fundadores de Rio das Pedras, a qual foi criada freguesia a 04-ABR-1889 e elevada a município a 10-JUL-1894. Lá foi chefe político e exerceu cargos na Câmara local, sendo do partido republicano, como a maioria da sua família. Veio a falecer a 27-NOV-1932 em Piracicaba.

Do capitão Vicente do Amaral Mello e de D. Ephigênia Leite de Negreiros nasceram:

F1) Dr. JOÃO DO AMARAL MELLO, que segue no **IX**.

F2) D. EUFROZINA DO AMARAL MELLO (FRUZA), que se casou com FRANCISCO NAZARÉ DA ROCHA, com geração. Pais de FRANCISCO, ADALBERTO e de DELPHIM FERREIRA DA ROCHA NETTO, jornalista de Piracicaba.

F3) MELCHIOR DO AMARAL MELLO, capitão da Marinha, o qual serviu de professor de aprendizes de marinheiros em Recife (PE), onde foi um dos incentivadores do futebol naquela cidade, como nos ensina o primo Rocha Netto.

F4) ANTÔNIO DO AMARAL MELLO, faleceu solteiro. Foi professor.

F5) OSCAR DO AMARAL MELLO, professor. Casou-se com sua prima D. ANTONIA FERREIRA LEITE, com geração.

F6) D. ANA CÂNDIDA DO AMARAL MELLO (DUTA), que se casou com FERNANDO FERRAZ DE ARRUDA PINTO, com geração. Fernando (Nhonhô) foi proprietário da tradicional fazenda "Milhó" em Piracicaba, onde foi fotógrafo amador de rara habilidade. Pais do genealogista NÉLIO FERRAZ DE ARRUDA, que foi prefeito de Piracicaba com largos méritos.

F7) D. MARIA DO AMARAL MELLO (IA), a primeira a nascer na fazenda "São João". Casou-se com CLEMENTE GOMES, sem geração.

F8) JOSÉ DO AMARAL MELLO, professor, casou-se com D. BELMIRA PRATES FERREIRA, com geração.

F9) Dr. JOAQUIM DO AMARAL MELLO, engenheiro agrônomo. Serviu na Revolução Constitucionalista de 1932 como major,

comandando um destacamento - depois foi deputado em 1934. Casou-se com D. ÁUREA PINTO DE ALMEIDA, sem geração.

F10) D. ELISA DO AMARAL MELLO, que se casou com o português MAURØCIO DE AZEVEDO PALMEIRA, sem geração.

F11) Dr. FLORIANO DO AMARAL MELLO, engenheiro agrônomo, casou-se com D. CECÍLIA SABÓIA, com geração.

F12) D. FRANCISCA DO AMARAL MELLO (TITA), que se casou com ALFREDO MOISÉS MALUF, padrinhos de batismo do autor destas notas. Com geração.

F13) D. ESTER DO AMARAL MELLO, que se casou com o Dr. LEOPOLDO VIRIATO FIGUEIRA DE SABÓIA, médico, com geração.

IX- Dr. JOÃO DO AMARAL MELLO nasceu a 20-MAI-1879 em São Pedro, na fazenda de seus avós maternos (da qual seu pai era administrador), João Leite de Cerqueira César e Antonia Isabel de Negreiros, então bairro de Piracicaba, sendo batizado a 29-JUN-1879 na igreja matriz da freguesia de São Pedro com o nome de João Batista, sendo seus padrinhos os mesmos avós maternos. Nos bancos escolares, em fazenda de seu pai, teve como professor o tatuiense Urbano de Oliveira Leite Setúbal (tio do escritor Paulo Setúbal). Na época assinava João Leite de Mello, mas, ao se tornar adulto, seguiu a decisão paterna e passou a assinar João do Amaral Mello, como os demais irmãos. Na Genealogia Paulistana (IX, 139) vem relacionado como João de Mello Castanho.

João do Amaral Mello formou-se na primeira turma de agronomia da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (a E.S.A.L.Q), em Piracicaba, a 20-NOV-1903, destacando-se dentre os colegas nos conhecimentos práticos, que aprendera com seu pai na fazenda "São João" em Rio das Pedras. Logo após sua formatura realizou um trabalho para a Secretaria de Agricultura de São Paulo: "Estatística e Isotécnica do Município de Rio das Pedras". Aliás, Rio das Pedras ele conhecia como poucos, pois ali fora morador de 1886 a 1926, nela tendo exercido (naquele tempo os "homens bons" serviam gratuitamente..) os cargos de 3º juiz de paz, sub-delegado, e o de inspetor escolar.

Casou-se a 01-MAR-1919 em Rio Claro (SP), na capela do Colégio Coração de Maria, com sua prima-irmã D. GUIOMAR CORRØA DE MEIRA, que depois de casada passou a assinar Guiomar Meira do Amaral Mello, nascida a 18-ABR-1893 em Analândia, batizada a 04-JUL-1893 na matriz de Rio Claro, hoje residente na cidade de São Paulo, filha do major da Guarda Nacional Antônio Gonçalves Corrêa de Meira Júnior (Tonico Meira), nascido a 25-JAN-1861 em Rio Claro (SP), sendo batizado a 06-JUL-1861 na igreja matriz, e falecido a 29-SET-1914 em São Carlos (SP), e de sua mulher (casados a 05-JAN-1886 na matriz de Piracicaba) D. Lydia Leite de Negreiros, nascida a 20-MAR-1868 em São Pedro, sendo batizada a 03-MAR-1868 na sua igreja matriz de São Pedro, e falecida a 16-MAR-1948 em São Paulo. Tonico Meira foi dos fundadores de Analândia, elevada a município a 21-JUN-1897, nela sendo fazendeiro e político. Em 1902 participou de uma

fracassada revolução monarquista (o atual herdeiro presuntivo do trono brasileiro é S.A.I.R. o Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança), sendo o articulador dela em Analândia- o líder da intentona fora seu cunhado, o Dr. Rafael Corrêa da Silva Sobrinho, perseguido depois pelas tropas do governo do então presidente Campos Salles, e falecido em consequência das enfermidades adquiridas nas fugas que teve que empreender, muitas delas com a cumplicidade e ajuda de Tônico Meira.

Por mais de quinze anos João do Amaral administrou a fazenda "São João", de seu pai, nela empregando todos os seus conhecimentos teóricos e práticos, o que a tornava um mimo na região piracicabana. Com as melhorias que introduziu na fazenda de seu pai, tornou-se um dos pioneiros na eletrificação e na telefonia rural. Casado, e com o desejo de ter sua própria fazenda, adquiriu em 1923 do Dr. Mário Tavares (depois secretário da Fazenda) por 160 contos de réis a "Boa Esperança", em Rio das Pedras, com plantação de café. Mais tarde, vendeu esta fazenda e adquiriu outra, em 1927, a "Água Branca", em Pirassununga, a quatro quilômetros do centro em direção a Analândia, também com cultura de café, o que acabou levando-o à falência com a crise que se abateu sobre o Brasil com o "crack" da Bolsa de Nova Iorque, tendo que vender as terras para saldar seus compromissos e pagar seus colonos.

Para sustento de sua família tentou a sorte com a exploração de um moinho de cereais em Iracemápolis (SP), sem contudo lograr sucesso. Foi ser administrador de uma fazenda em Xavantes, onde permaneceu menos de um ano. Lembrando-se do diploma, empregou-se, então, em 1934, no funcionalismo público estadual como engenheiro agrônomo, à época do então secretário da Agricultura Juvenal Mendes de Godoy, tendo sido efetivado a 11-SET-1941 como inspetor agrícola de máquinas de algodão pelo seu amigo, o Dr. Fernando de Souza Costa, interventor federal do estado de São Paulo. Como chefe de seção, teve sede em Pirassununga, Araraquara, Piracicaba e São Paulo, viajando constantemente para várias cidades do interior paulista, como Ribeirão Bonito, Dourados, Itariri, etc.. No final do ano de 1945 passou com sua família em definitivo para São Paulo, adquirindo um sítio em Suzano (SP), no bairro da Goiabeira, o "Pinheirinho", vendido em 1966. Na capital paulista viveram de 1950 a 1959 no bairro de Vila Clementino, na rua Pedro de Toledo, e desde 11-JAN-1959 no bairro Bosque da Saúde, na rua Guararema nº 494.

Por ocasião dos festejos do dia nacional do engenheiro agrônomo, a 12-OUT-1973, foi homenageado em sessão realizada no salão nobre da E.S.A.L.Q. em Piracicaba, por ser o mais velho membro dessa laboriosa classe do país. Descoberto pela imprensa, acabou virando manchete em noticiários de jornais e até de televisão, especialmente quando completou a avançada idade de cem anos com a saúde invejável que Deus lhe deu. Destacaram-se as seguintes reportagens: Diário de São Paulo (30-MAIO-1979, p. 38), Jornal de Piracicaba (27-

MAIO-1979, p. 8) e Notícias Populares (08-JUN-1979, p. 3). Nas entrevistas que concedera lembrou os difíceis primeiros tempos da E.S.A.L.Q., quando trinta alunos iniciaram o curso e apenas sete o concluíram, correndo-se o risco de, pura e simplesmente, extingüirem o curso, se não houvessem formandos. Foi aí que João do Amaral se agigantou, entusiasmando e ensinando os colegas para juntos atingirem ao objetivo maior. Realizava-se assim o sonho dourado do paulista Luiz de Queiroz, o grande incentivador dessa distinta escola que tantos serviços tem prestado a este país. Lembrou ainda que ia, diariamente, a pé, do Largo do Mercado, onde residia com seus pais, para assistir às aulas, caminhada de três quilômetros, ganhando, mais tarde, de seu pai, um cavalo para facilitar o trajeto.

Vovô João faleceu na madrugada de 29-AGO-1984 em São Paulo, enquanto dormia, aos cento e cinco anos de idade, conservando-se com inteira lucidez até quase o final de sua vida. Sepultado no mesmo dia no cemitério da Quarta Parada em São Paulo, tendo seu corpo baixado sepultura às 16:45 hs., sendo antes recomendado pelo padre Tadeu, da Paróquia de São Paulo Apóstolo. Era homem alegre, pai exemplar, marido fiel e companheiro, avô extremado, sempre disposto a uma boa conversa entremeando um bom gole de café (de Piracicaba, naturalmente), de grande coração e católico fervoroso. Dele, sempre ouvi referências elogiosas, como as de que era um cavalheiro irrepreensível, bom irmão, fino no trato e no trajar. Mesmo tendo perdido a visão lá pelos anos de 1950, por problemas de glaucoma, nunca perdera a fé em Deus que um dia voltaria a enxergar novamente, acreditando nos progressos da medicina, muito embora não comentasse isso conosco para não nos preocupar. Vivi intensamente com ele de 1959 até sua morte, sendo na verdade mais um amigo que neto. Dele veio esta minha vontade para o estudo das coisas antigas. Também pudera: sua memória era prodigiosa e me relatava casos e fatos de sua mocidade, ocorridos no final do século passado, como a morte do célebre pintor Almeida Júnior, defronte ao Hotel Central de Piracicaba... De vovó Guiomar a vontade pelo estudo da genealogia, pois através dela fui para os bancos escolares já sabendo que era descendente dos formadores da raça paulista, dos quais conhecia inclusive seus nomes. Vovô João mantinha-se atualizado com as novidades do mundo através do rádio e da televisão, além da leitura de jornais por seus filhos (dos quais se destacou pela dedicação exemplar a filha Maria Geralda do Amaral Mello) e netos.

Do Dr. João do Amaral Mello e de D. Guiomar Corrêa de Meira nasceram:

F1) ANTONIETA EPHIGÔNIA DO AMARAL MELLO (GENINHA), que nasceu a 31-DEZ-1919 em Rio Claro, funcionária do Departamento de Trânsito (Detran). Faleceu solteira.

F2) JOÃO WERTHER DO AMARAL MELLO, que nasceu a 23-JAN-1921 em Piracicaba, funcionário aposentado do Tribunal Regional do Trabalho. É solteiro.

F3) ANTÔNIO CARLOS DO AMARAL MELLO, nasceu a 27-FEV-1924 em Piracicaba, funcionário aposentado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (I.B.G.E.), solteiro.

F4) GUIOMAR AMARAL MELLO, que nasceu a 13-MAI-1925 em Piracicaba, onde foi batizada a 04-NOV-1925 na igreja Bom Jesus. Casou-se em São Paulo a 17-JUL-1947 na igreja de NS. da Glória, no Cambuci, com PETRAS BOGACIOVAS, contador em São Paulo, nascido a 01-JUL-1921 no distrito de Somelisk, município de Troki, estado de Wilna, na Lituânia, mas de origem russa. Veio para o Brasil aos cinco anos de idade em 1926, com seus pais Nikolai Nikoláevitch Bogatschow, nascido a 15-AGO-1890 em Somelisk, farmacêutico e enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem de Wilna, falecido a 07-MAR-1977 em São Caetano do Sul, na grande São Paulo, e de sua mulher Eufrozina Carminiówna Orlof, nascida a 18-JAN-1896 no município de Mohilev, estado de Mohilev, na Rússia Branca, e falecida a 04-MAR-1985 em São Caetano do Sul; neto paterno de Nikolai Nikoláevitch Bogatschownok (este apelido é o correto, e não o Bogaciovas, que foi lituanizado quando por ocasião da saída de vovô para o Brasil) e de sua mulher Matriona Isidorówna Visotsky; neto materno de Carmini Teodorovitch Orlof e de Anastácia Vassilówna Soika. Na Rússia a religião de meus avós era católica ortodoxa; viveram alguns anos em Varpa, próxima a Tupó (estado de São Paulo), onde abraçaram a religião batista. São pais de:

N1) PEDRO VALÉRIO MEIRA AMARAL BOGACIOVAS, funcionário do Banco Central, nascido a 22-JUL-1948 em São Paulo, onde se casou a 29-JAN-1976, na igreja de Santa Rita de Cássia, com WALKIRIA PALMIERI, nascida a 16-MAI-1955 em São Paulo, filha de Armando Palmieri e de Wanda de Castro; neta paterna de Rafael Palmieri e de Marieta Tabarro; neta materna de José de Castro e de Rosa Giralaldi. São pais de:

Bn1) ALEXANDRE PALMIERI BOGACIOVAS, nascido a 01-JUN-1978 em São Paulo.

Bn2) NATÁLIA PALMIERI BOGACIOVAS, nascida a 06-OUT-1982 em São Paulo.

N2) PAULO DE TARSO MEIRA AMARAL BOGACIOVAS, gêmeo do anterior, funcionário da Caixa Econômica Federal. Casou-se a 08-MAR-1985 em São Paulo, na igreja de São Francisco de Assis, na Vila Clementino, com ROSILEY SIMONACCI (viúva de José Roberto Freitas Novaes, de quem houve: ROBERTO SIMONACCI NOVAES, nascido a 28-JAN-1974 em São Paulo, e RICARDO SIMONACCI NOVAES, nascido a 27-SET-1976 em São Paulo), nascida a 18-MAR-1947 em Avaré, filha de Guido Simonacci e de Alice Leme da Silva; neta paterna de Luís Simonacci e de Elisa de Campos Pinto, neta materna de João Leme da Silva e de Palmira Maria de Jesus Preto Cardoso. São pais de:

Bn3) ANA PAULA SIMONACCI MEIRA AMARAL BOGACIOVAS, nascida a 02-ABR-1986 em São Paulo.

N3) MARCELO MEIRA AMARAL BOGACIOVAS, que nasceu a 25-AGO-1952 em São Paulo, no distrito da Bela Vista, e batizado a 19-JUL-1953 na igreja de São Francisco de Assis, na Vila

Clementino. Formado em engenharia química em 1978 pela Faculdade de Engenharia Industrial, em São Bernardo do Campo, sendo atualmente gerente de marketing da empresa ISP do Brasil Ltda. (grupo GAF), e estudioso de genealogia desde os quatorze anos de idade, tendo publicado seu primeiro artigo genealógico em 1968, na Revista Genealógica Latina, volume XX, incentivado pelo seu presidente o coronel Salvador de Moya.

Casou-se a 21-DEZ-1978 na mesma igreja de São Francisco de Assis, em São Paulo, com CLARA HIDEMI KUDO, nascida a 22-ABR-1953 em Bastos (SP), formada em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo, e em Pedagogia pela Faculdade Nove de Julho, e que depois de casada passou a assinar Clara Hidemi do Amaral Bogaciovas, filha de Kan-Ichi Kudo, nascido a 22-MAR-1904 na cidade de Takasse, estado de Ijita, no Japão, onde se formou em agrimensura, e falecido em São Paulo (SP) a 25-SET-1974, e de sua mulher (casados a 29-ABR-1935 na cidade de Kiitsuki, estado de Oita-Ken) e sobrinha-prima Tokie Kudo, nascida a 10-MAI-1913 na cidade de Hitachi, estado de Oita-Ken, formada em escola superior de enfermagem no Japão, e que vive atualmente em São Paulo; cujo casal veio do Japão para o Brasil a 31-OUT-1936. Kan-Ichi foi adotado pela família Kudo com o propósito de perpetuar este nobre apelido; era porém da família Nakagawa, sendo filho de Bunjiro Nakagawa, nascido a 20-ABR-1868 em OitaKen Hitagun, em Takasse, onde faleceu a 02-OUT-1937 e de sua mulher (casados cerca de 1892) Ritsue Takeuchi, nascida a 02-ABR-1870 em Oitaken e falecida a 20-FEV-1938 em Hitachi. Tokie Kudo é filha de Riikiti Takeuchi, nascido cerca de 1886 em Hitachi, onde faleceu a 26-JUN-1935 e de sua mulher Katsuyo Takeuchi, nascida a 13-DEZ-1893 em Hitachi, onde faleceu em 1983.

Filhos de Marcelo Meira Amaral Bogaciovas e de Clara Hidemi Kudo:

Bn4) RENATA MEIRA DO AMARAL MELLO BOGACIOVAS, que nasceu a 24-MAR-1982 em São Paulo (distrito do Cambuci).

Bn5) DENISE MEIRA DO AMARAL MELLO BOGACIOVAS, que nasceu a 29-FEV-1984 em São Paulo (distrito do Cambuci). Batizada juntamente com a irmã mais velha a 21-JUL-1984 na paróquia de São Luís, da Av. Paulista, em São Paulo, sendo celebrante o padre Hélio Abranches Viotti, S.J., e padrinho de ambas o padre José de Anchieta, S.J., beatificado em 22-JUN-1980 pelo Papa João Paulo II.

Bn6) RODRIGO CÉSAR DO AMARAL MELLO BOGACIOVAS, que nasceu a 27-ABR-1986 em São Paulo, no distrito de Indianópolis, e batizado a 08-JUL-1989 na igreja José de Anchieta, no Pátio do Colégio, em São Paulo, sendo celebrante o mesmo padre Viotti, S.J., notável historiador dos feitos de Anchieta, e padrinho o próprio padre Anchieta.

F5) MARIA GERALDA DO AMARAL MELLO, nascida a 18-JUL-1932 em São Paulo, professora, jornalista e escritora premiada com o "Jabuti", pelo livro de contos "As três Quedas do Pássaro", Ed. Civilização Brasileira.

NOTAS E BIBLIOGRAFIA:

- (1) Revista Genealógica Brasileira, Ano II- 1º semestre de 1941, nº 3- publicação do Instituto Genealógico Brasileiro, páginas 185 a 200, em artigo do genealogista açoriano Rodrigo Rodrigues.
- (2) Silva Leme, Luiz Gonzaga da- Genealogia Paulistana- São Paulo, 1904, Duprat & Companhia- volume IV, pág. 241.
- (3) Arquivo dos Açores- edição (1982) fac-similar da 1ª, do ano de 1888.- Vol X, pág 450.
- (4) Idem, vol. X, pág 455.
- (5) Idem, vol. X, pág 458.
- (6) Paes Leme, Pedro Taques de Almeida- Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica, São Paulo, edição 1954, III, pág. 58.
- (7) Felgueiras Gayo, Manoel José da Costa- Nobiliário de Famílias de Portugal- edição de Carvalhos de Basto- Braga, 1989, vol. VI, tomo XVIII, 126, título Mello, § 1 N5.
- (8) Braamcamp Freire, Anselmo- Brasões da Sala de Cintra- Imprensa Nacional- Casa da Moeda, Lisboa, 1973- vol. I, páginas 408 e 409.
- (9) Sá, Ayres de- Frei Gonçalo Velho- Imprensa Nacional, Lisboa, ano 1889, volume I, páginas LXXIV a LXXVIII, e 182, 183.
- (10) Idem, volume I, pág. 212.
- (11) Vaz de Sampaio, Luiz de Mello- Subsídios para uma biografia de Pedro Alvares Cabral- Coimbra, 1971- parágrafo 247, pág. CVII.
- (12) Idem, árvore II.
- (13) Sá, Ayres de- Frei Gonçalo Velho- Lisboa, Imprensa Nacional, ano 1889, volume I, páginas 251 a 253.
- (14) Idem, ano 1890, volume II, páginas 317 a 322.
- (15) Canto, Ernesto do e Carlos Machado, Livro de Genealogias (manuscrito existente na Biblioteca Pública de Ponta Delgada).

(16) Pelo que fica exposto, Jorge Velho seria mouro. O curioso é que seus descendentes nunca sofreram, pelo menos ao que consta, perseguição pelo Santo Ofício.

(17) Frutuoso, Dr. Gaspar- Saudades da Terra- Ponta Delgada, 1984 - livro 4º, volume I, página 237.

(18) Soares, Eduardo de Campos de Castro de Azevedo (Carcavelos) - Nobiliário da Ilha Terceira- Porto, 1944, Fernando Machado & Cia. Ltda., volume I, pág 110.

(19) Arquivo dos Açores, Ponta Delgada, 1986, volume I, pág. 232 a 238.

(20) Idem, Ponta Delgada, 1981, volume IV, pág. 61 e 62.

(21) Idem, Ponta Delgada, 1983, volume XIV, página 260.

(22) Assento lançado às folhas 79 do 1º livro de casamentos de São Pedro de Ponta Delgada (1617 - 1657):

"Calixto do Rego - Maria Cabral

"No ano do Senhor de mil e seiscentos e quarenta e nove aos dez (e não doze, como aparece nas anotações em geral) de fevereiro feitas as denúncias dias festivos nesta igreja de São Pedro e nas mais paróquias desta cidade e não havendo impedimento algum legítimo, o padre Miguel Dias fez as perguntas na igreja a Calixto do Rego de Souza filho de Gonçalo do Rego de Souza e de Marta da Cunha Teixeira defunta e assim as fez a Maria Cabral de Mello filha de André Alvares de Siqueira e de Catarina Cabral de Mello moradores nesta freguesia de São Pedro e não havendo impedimento como constou de um mandado do senhor ouvidor do Eclesiástico e dados seus consentimentos os recebeu de nossa licença por palavras de presente com testemunhas o padre Manoel da Costa Rabello e o padre Pedro da Costa Rabello e depois lhes deu as bênçãos na missa conforme o ritual e missal romano.

"Felipe Gomes."

(23) Frutuoso, Dr. Gaspar- "Saudades da Terra", Ponta Delgada, 1984 - livro 1º, páginas LXV a CXVII, no trabalho do Dr. Rodrigo Rodrigues: "A Família do Dr. Gaspar Frutuoso".

(24) Assento lançado às folhas 12 do 1º livro de óbitos (1698 - 1742) de Fenaes da Luz:

"Manoel de Mello marido de Tereza de Oliveira natural desta freguesia.

"Em os vinte e oito dias do mês de maio de mil, setecentos e quatro faleceu da vida presente abintestado Manoel de Mello marido de Tereza de Oliveira recebeu todos os sacramentos da igreja foi sepultado nesta de Nossa Senhora da Luz donde era freguês; fez-se-lhe um ofício de nove lições disseram-se-lhe

por sua alma cinqüenta missas, e das mais da confraria de São Pedro, e um ofício da confraria de Santiago.

"O vigário Manoel da Costa, e Mello".

(25) Assento lançado às folhas 18 do livro 2º (mas o 1º está perdido) de casamentos da freguesia de Fenaes da Luz:

"Em os onze dias do mês de agosto de mil e seiscentos e noventa e seis anos recebi em face da igreja por um mandado do reverendo ouvidor Simão da Costa Resende, tendo precedido as denúncias canônicas a Manoel de Mello de Almada viúvo com Catarina de Oliveira de Vasconcellos filha do capitão Gabriel d'Almendrega e de sua mulher Crisóstoma de Oliveira de Vasconcellos, já defunta, todos moradores neste lugar; foram testemunhas Manoel do Rego, alferes, e Manoel do Amaral, e Jerônimo de Viveyros e outras muitas pessoas que se acharam presentes fiz e assinei dia mês e ano era ut supra.

"O cura Jerônimo Ledo de Araújo."

(26) Assento às fls. 20-v do 1º livro de casamentos de Itu (Cúria Diocesana de Jundiaí):

"Matias de Mello do Rego filho de Manoel de Mello de **Almeida** (sic) e de sua mulher Luzia Cabral do Rego, moradores e naturais da Ilha de São Miguel, se recebeu por palavras de presente com Francisca de Arruda filha de Sebastião de Arruda Botelho e de sua mulher Isabel de Quadros presente mim frei Manoel de Santa Maria religioso do Carmo, por reverendo padre vigário Félix Nabor, e Francisco de Arruda, Bartolomeu de Quadros, Ana de Proença, Ana de Quadros todos moradores desta vila, aos vinte digo aos trinta de abril era ut supra (corria o ano de 1708).

"Frei Manoel de Santa Maria."

(27) Francisca de Arruda casou-se em Itu a 26-AGO-1704 (fls. 6) com Antônio de Medeiros de Macedo, filho de Manoel de Medeiros de Macedo e de sua mulher Margarida de Oliveira.

(28) Assento de batizado no livro nº 1 de Fenaes da Luz (o mais antigo):

"Em os vinte e sete dias do mês de janeiro de mil e seiscentos e oitenta e quatro anos batizei um menino a que foi posto nome João filho de Manoel de Mello e de Luzia de Mello sua mulher foi padrinho o reverendo padre Antônio do Rego de Souza, madrinha Isabel Manoel parteira que o apresentou. O que por verdade dia ut supra.

"O cura Manoel da Costa e Mello."

(29) Assento às fls. 5 do 1º livro de casamentos de Itu (1703 - 1728):

"Aos 20 de maio de 1704 nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora da Candelária de Utu Açu feitas as diligências que o Sagrado Concílio manda e Sua Ilustríssima ordena receberam por palavras de presente João de Mello do Rego filho de Manoel

de Mello de **Almeida** (sic) e de sua mulher Luzia Cabral de Mello já defunta naturais e moradores da Ilha de São Miguel, com Bernarda de Arruda filha de Sebastião de Arruda Botelho e de sua mulher Isabel de Quadros, naturais e moradores desta vila. Foram testemunhas Pascoal de Arruda, Maximiano de Góes, Maria de Arruda, Micaela da Silva, e que fiz este assento.

"Frei Pedro de Souza."

(30) Prestação de contas ao testamento do capitão-mor João de Mello do Rego, existente no Arquivo do Estado de São Paulo, na série de inventários, sob nº de ordem 554.

(31) Assento de batizado do livro nº 1 da freguesia de Fenaes da Luz:

"Em os vinte e cinco dias do mês de maio de mil, seiscentos e oitenta e cinco anos batizei um menino a que foi posto o nome Domingos filho de Manoel de Mello e de Luzia Cabral sua mulher. Foram padrinhos Tomé de Souza de Mello estudante, e Isabel Manoel parteira que apresentou, todos moradores neste lugar de Fenaes freguesia de NS. da Luz que fiz por verdade dia ut supra.

"O cura Manoel da Costa e Mello."

(32) Assento de batizado do livro nº 1 da freguesia de Fenaes da Luz:

"Em os vinte dias do mês de janeiro de mil e seiscentos e noventa e dois batizei Luzia filha de Manoel de Mello e Luzia Cabral de Mello sua mulher. Foram padrinhos Gonçalo de Mello e Maria de França. Fiz e assinei dia mês e ano era ut supra.

"O cura Jerônimo Ledo de Araújo."

(33) Assento de batizado do livro nº 1 da freguesia de Fenaes da Luz (seu registro feito em 1690 está após os de 1695):

"Em o primeiro do mês de julho da era de noventa anos batizei um menino que foi posto o nome Pedro filho de Manoel de Mello e de Luzia Cabral sua mulher. Foram padrinhos Gonçalo do Rego, estudante, filho de Calixto do Rego, e madrinha Maria de França que apresentou, o que fiz por verdade dia era ut supra.

"O padre Francisco Tavares."

(34) Assento lançado às folhas 55-v do 1º livro de casamentos de Itu:

"Pedro de Mello de Souza, filho de Manoel de Mello e de Luzia Cabral já defuntos, moradores na Ilha de São Miguel freguesia de Nossa Senhora da Luz, do lugar dos Fenaes, se recebeu por palavras de presente para o reverendo vigário da desta vila, com Maria de Arruda de Araújo, filha de Maximiano de Góes e de sua mulher Maria de Arruda, moradores desta própria vila de Utu; foram padrinhos Pascoal de

Arruda, Luís Pedroso, Tomázia de Almeida e Verônica Dias, de que fiz este assento, era dia supra (referia-se ao lançamento anterior, feito a 20 de maio de 1720).

"André dos Santos."

(35) Sesmarias (publicação oficial da Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo), II, 143 a 150, 176 a 179; III, 259 a 264. Requerimento de Sesmarias (nº de ordem 323, pasta nº 1).

(36) Sesmarias (publicação oficial da Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo), III, 213 a 215.

(37) Assento lançado às fls. 110-v do 3º livro de óbitos de Itu:

"Aos dezenove dias do mês de abril de mil e setecentos e setenta e cinco anos faleceu da vida presente Pedro de Mello Castanho digo Souza natural das Ilhas, casado com Maria de Arruda com os sacramentos da Penitência, e..... extrema unção teria de sua idade oitenta anos mais ou menos, não fez testamento, foi encomendado e sepultado no Hospício do Carmo, os Sacramentos que recebeu só foram por engano acima ter recebido eucaristia de que para constar fiz este assento que assinei.

"O coadjutor Roque Gonçalves da Cunha."

(38) Livros de Registros de Testamentos existentes na Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, livro nº 6, nº de ordem: 456.

(30) Processo nº 4-41-252 de dispensa matrimonial no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

(40) Habilitação ao Santo Ofício de Domingos Jorge da Silva, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal, maço nº 21, documento nº 419.

(41) Oliveira, José Fernandes de Oliveira- Rainha do Planalto- Caxias do Sul (RS), 1959- Editora São Miguel.

(42) Assento lançado às fls. 119 do livro de batizados de Itu:

"Balduíno

"Aos vinte e nove dias do mês de maio de mil, setecentos e sessenta e cinco anos batizou e pôs os Santos óleos na vila de Sorocaba com minha licença, de que me remeteu certidão o reverendo José Teixeira de Almeida Leme a Balduíno inocente filho de Pedro de Mello Castanho e de sua mulher Inácia de Arruda Leite moradores desta vila de Itu. Foram padrinhos Elias de Sampaio Castanho e sua mulher Andreza de Almeida Pacheco moradores da vila de Sorocaba, de que fiz este assento aos dois dias do mês de junho do dito ano.

"Francisco Xavier de Gusmão."

(43) Assento lançado às fls. 96 e 96-v do livro de casamentos nº 258 de Itu (1790 - 1804):

"Aos nove dias do mês de setembro de mil, setecentos, noventa e sete anos nesta Matriz de Itu, feitas as diligências de estilo, sendo dispensados por sua Exma. Reverendíssima pelo impedimento de consangüinidade no terceiro grau em que eram ligados; em minha presença e das testemunhas Vicente do Amaral Campos, casado, e José Vaz Pinto, solteiro, se receberam solenemente por marido e mulher Balduino de Mello Castanho, natural desta vila, filho de Pedro de Mello Castanho e de sua mulher Inácia de Arruda, ambos naturais desta vila; neto por parte paterna de Pedro de Mello de Souza, natural das Ilhas, e de sua mulher Maria de Arruda, desta vila, e pela materna neto de Manoel de Sampaio Pacheco capitão-mor desta vila, natural da Ilha de São Miguel e de sua mulher Verônica Dias Leite, natural desta vila, e Antonia de Pádua do Amaral natural desta vila, filha de Vicente Ferrer do Amaral natural desta vila e de sua mulher Brígida Soares de Camargo, da Cotia; neta por parte paterna de José do Amaral Gurgel natural da vila de Parnaíba e de sua mulher Escolástica de Arruda, natural desta vila, e pela materna de Inácio Soares de Barros, natural da Cotia, e de sua mulher Marta de Camargo da mesma freguesia. Receberam as bênçãos nupciais, de que fiz este assento, em que assinaram as testemunhas.

"O vigário José do Rego Castanho."

Seguem assinaturas de Vicente do Amaral Campos e de José Vaz Pinto.

(44) Inventário de D. Antonia do Amaral, maço nº 38-A no Museu Republicano "Convenção de Itu", ano de 1830.

(45) Livro nº 30 de Sesmarias, Patentes e Provisões (Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo), sob nº de ordem 371.

(46) Inventário de Balduino de Mello Castanho, maço nº 56, ano de 1847, no Museu Republicano "Convenção de Itu".

(47) Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ano 1982- volume 78, pág. 156- artigo de Celso Maria de Mello Pupo.

(48) Processo nº 11-50-7141 de dispensa matrimonial no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

(49) Assento lançado às fls. 35-v do livro nº 8 de batizados de Itu (Cúria Diocesana de Jundiáí):

"Melchior

"Aos quatro de maio de mil, e oitocentos nesta Matriz da vila de Itu batizei e pus os Santos óleos a Melchior inocente, que nasceu aos vinte e seis de abril próximo, filho de Balduino de Mello Castanho e de sua mulher Antonia de Pádua Gurgel. Foram padrinhos (seria abreviatura de

padre ?) Melchior de Pontes Amaral por seu procurador Manoel Leite de Sampaio, e Brígida Soares de Camargo (sua avó), todos desta vila, de que fiz este assento.

"O vigário José do Rego Castanho."

(50) Livros Mestres dos Regimentos de Infantaria dos Ôteis e dos Sertanejos de Itu- Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo- nº de ordem: 446, livro nº 270, fls. 76-v e 77.

(51) Inventário do casal major Melchior de Mello Castanho - D. Eufrozina Ferraz de Camargo, maço nº 4 do primeiro ofício do Fórum de Piracicaba.

(52) Assento lançado às fls. 20 do livro nº 5 de batizados de Piracicaba (Arquivo da Cúria Diocesana de Piracicaba):

"Vicente

"Aos sete de fevereiro de mil oitocentos e cinqüenta batizei e pus os Santos óleos ao inocente Vicente de idade, digo, nascido aos vinte e quatro de janeiro filho do major Melchior de Mello Castanho e de D. Eufrozina Ferraz de Camargo; Padrinhos José do Amaral Gurgel e D. Gertrudes Carlota de Barros, mulher de Francisco Ferraz de Carvalho."

(53) Assento lançado às fls. 67-v do livro nº 6 de casamentos de Piracicaba (Arquivo da Cúria Diocesana de Piracicaba):

"Vicente do Amaral e Mello

D. Ephigênia Leite de Negreiros

"Aos vinte e oito de maio de mil oitocentos e setenta e oito, em oratório privado, em minha presença e das testemunhas Antônio de Barros Ferraz (tio da noiva por consangüinidade, tio do noivo por afinidade, futuro barão de Piracicamirim), e Francisco Antônio Siciliano, sem impedimento algum, e nem me constar haver, por palavras de presente, se receberam em matrimônio Vicente do Amaral e Mello, e D. Ephigênia Leite de Negreiros, esta filha legítima de João Leite de Cerqueira César e sua mulher Dona Antonia Isabel de Negreiros, e aquele filho legítimo dos finados major Melchior de Mello Castanho e Dona Eufrozina Ferraz de Camargo, a contraente freguesa de São Pedro, e o contraente desta paróquia, sendo São Pedro hoje anexo a esta paróquia: na mesma ocasião receberam as bênçãos nupciais.

"O Vigário Francisco Galvão Paes de Barros".

Gostaria de deixar registrados agradecimentos a todos que colaboraram comigo para a feitura e pesquisa dos meus trabalhos aqui apresentados. Em especial à amabilidade de sempre por longos anos que recebi dos funcionários do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo (lembrando o particular amigo Wanderley dos Santos, hoje chefiando o Arquivo Histórico do Município de Franca, e Jair Mongelli Jr.) e da Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, mais

conhecido por Arquivo do Estado (especialmente D. Maria Glória Martinelli e D. Ady Siqueira de Noronha).

BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Os irmãos Mellos de Itu*. In Edição Comemorativa do Cinquentenário do do Instituto Genealógico Brasileiro. São Paulo: IMESP, 1991. pp. 685-736.